

Unesp – Universidade Estadual Paulista

Jose Benedito de Barros

A identidade dos gestores escolares negros

Rio Claro

2006

Unesp – Universidade Estadual Paulista

Jose Benedito de Barros

A identidade dos gestores escolares negros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp – Instituto de Biociências, Campus de Rio Claro-SP, como exigência para Conclusão de Mestrado.

Núcleo Temático: Organizações Educacionais: políticas, gestão e cultura.

Linha de Pesquisa: Gestão de Organizações Educacionais: políticas, cultura e subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Marilena A. Jorge Guedes de Camargo

Rio Claro

2006

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Marilena A. Jorge Guedes de Camargo

Profa. Dra. Lindamir Cardoso Oliveira

Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Resumo

Buscou-se no presente trabalho analisar como os gestores escolares negros da rede pública do Estado de São Paulo, no Município de Limeira, constroem suas identidades “eu” e “nós”. O referencial teórico foi o pensamento de Norbert Elias. Constatou-se que a construção da identidade dos pesquisados ocorre a partir de materiais oriundos das relações de interdependência e da configuração social da qual fazem parte.

Palavras-chave: Identidade, Gestores Escolares, Negros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
PRIMEIRA PARTE: DO REFERENCIAL TEÓRICO	11
1 – Da Identidade	11
2 – Da Configuração	19
3 – Da Educação	20
4 – Da Exclusão	22
5 – Da Cultura	26
SEGUNDA PARTE: ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS.....	29
1. Família	29
2. Educação	34
3. Exclusão	37
4. Escravidão	41
5. Cultura	43
6. Gestão Escolar	46
TERCEIRA PARTE: TRANSCRIÇÃO DOS DADOS PESQUISADOS	49
CONCLUSÃO.....	91
BIBLIOGRAFIA.....	93
ANEXOS	i

Introdução:

O objeto da presente pesquisa é a identidade dos gestores escolares negros da rede escolar pública do Estado de São Paulo, na cidade de Limeira.

Trata-se, pois, de analisar a identidade a partir da auto-imagem dos próprios sujeitos pesquisados, de suas trajetórias, de suas experiências enquanto negros e enquanto gestores escolares.

O ato de indagar a respeito da identidade de algo ou de alguém indica uma intencionalidade do sujeito interrogante ou investigador que busca conhecer-se ou conhecer o outro, seja pessoa ou objeto. Essa intenção pode ser traduzida pelas perguntas “quem sou?”, “quem é você?”, “quem é ele?”. Ou ainda: “o que é isso?”, “o que é aquilo?”.

O presente trabalho teve como objetivos inventariar a auto-imagem dos pesquisados enquanto negros e enquanto gestores escolares, colhendo dados, a partir de suas falas, a respeito de si mesmos e das instituições ou organizações de que fazem parte, constituição de suas famílias, suas trajetórias geográficas, profissionais e educacionais, suas exclusões e inclusões, suas visões de mundo. A partir desse inventário procurou-se analisar como esses sujeitos construíram suas identidades pessoais e coletivas, ou seja, suas identidade-eu e identidade-nós.

A escolha do grupo pesquisado (gestores escolares negros) ocorreu por razões subjetivas e objetivas. A escolha dos negros se deu devido ao fato do pesquisador pertencer a esse segmento social e a percepção de que há no mundo acadêmico uma carência de pesquisa sobre o tema com um enfoque multidisciplinar. Já a escolha dos gestores escolares deu-se devido ao fato de que o pesquisador é envolvido com lideranças da comunidade negra, sendo que muitas delas receberam e recebem grande influência dos saberes escolares para sua formação.

A escolha dos gestores negros como sujeitos a serem pesquisados não foi tarefa simples, pois os termos “negro” e “negra” não são unívocos. O Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística – IBGE, entidade oficial para pesquisa populacional não utiliza a

categoria “negro” em seus levantamentos censitários. Em vez disso, utiliza os termos “preto” e “pardo” para se referir à população constituída de descendentes de africanos no Brasil. Com esses termos o referido instituto tenta sistematizar a diversidade de auto-declarações espontâneas dos afro-descendentes, que incluem “negro”, “preto”, “moreno”, “sará”, dentre outros.

Como se vê, o critério utilizado pelo IBGE em relação à população brasileira é o da cor da pele. Em relação aos descendentes dos primeiros habitantes brasileiros, anteriores à chegada de portugueses e africanos, o IBGE não faz referência à cor, colocando todos na categoria “indígena”.

Nesta pesquisa foram utilizados os termos “negro” e “negra” para referir-se a todos aqueles que se auto-declararam “preto”, “pardo”, “negro”, “negra” ou “afro”. Dado o objeto e objetivos desta pesquisa os pesquisados que se auto-declararam como brancos foram excluídos do estudo.

Por que e como os negros africanos vieram para o Brasil?

Para falar desse tema utilizarei o trabalho de Fausto (1999, p. 16-19; 129; 131). Para este autor, a vinda da maioria dos negros africanos para o Brasil, assim como para muitos outros países das Américas, não se deu de forma voluntária. A “grande travessia” está associada à necessidade que as metrópoles européias tinham, no século XVI de colonizar as novas terras e as dificuldades que os portugueses tiveram para escravizar os índios.

Os portugueses utilizaram duas formas para tentar submeter os nativos (indígenas) ao trabalho em sua colônia sul americana. Primeiro, os colonos tentaram simplesmente submeter os nativos ao trabalho compulsório de forma direta. A outra maneira contou com a mediação das ordens religiosas, principalmente dos jesuítas. Estes reuniam os índios em pequenas comunidades religiosas, procuravam cristianizá-los e prepará-los para o trabalho, servindo assim aos interesses dos portugueses.

A utilização da população indígena como mão-de-obra escrava sofreu a oposição dos missionários cristãos, criando-se atritos entre os colonos e os padres da Igreja Católica Romana. Estes eram favoráveis à utilização da mão-de-obra indígena, mas em outras condições. Pretendiam civilizar os índios, o que significava torná-los cristãos e europeizados. Em vez de escravidão, os missionários utilizavam os índios para o trabalho a serviço das vilas

que fundavam. O tratamento que os índios recebiam nessas comunidades era bem melhor que aquele dado aos escravos indígenas ou negros.

Além da resistência dos missionários à escravidão indígena, outros fatores a dificultou. O primeiro deles se deve ao fato de os nativos conhecerem profundamente o território local, o que lhes facilitava a fuga e a organização de resistências coletivas. Outro fator considerável foram as catástrofes demográficas. Os índios tinham defesas biológicas muito fracas às doenças trazidas pelos portugueses, como sarampo, gripe comum e varíola. Pelo menos de 60.000 índios morreram nessa época (Séculos XVI e XVII) vítimas dessas doenças, causando fome no nordeste e a carência de trabalhadores.

Diante dessas dificuldades os colonos recorreram ao tráfico de africanos para suprir sua necessidade de mão-de-obra. Essa substituição foi gradativa e quanto mais se intensificava o tráfico mais a luta contra a escravidão indígena triunfava. Os missionários continuaram a defender os índios, mas não fizeram o mesmo em relação aos negros africanos.

Quanto aos locais de origem dos africanos podem ser citados principalmente os seguintes: Golfo da Guiné, Congo, Angola e Moçambique.

A diversidade étnica dos negros africanos trazidos para o Brasil é muito grande. Eles pertenciam a dois grupos principais: os sudaneses e os bantos. No grupo sudanês podem ser incluídos os Yorubás, os Ewês, os Tapas e os Haussás; no grupo banto podem ser mencionados os angolas, os bengalas, os monjolos e os moçambiques.

O fim do trabalho escravo, embora tenha trazido um novo *status* legal aos africanos, isso não significou melhoria de suas condições de vida. Sem recursos para comprar terra ou organizar o próprio negócio, restava ainda a possibilidade de se empregar com seus antigos donos. Porém, nas regiões econômicas mais dinâmicas do final do século XIX (sudeste e sul), esses empregos foram ocupados prioritariamente por imigrantes europeus.

Preterido como trabalhador e considerado inferior pela sociedade que o representava como possuidor de inclinação para o crime, perigoso por natureza e útil, desde que subserviente. Estes são apenas alguns elementos que traduzem a forma como os negros africanos e seus descendentes saíram da escravidão e entraram no mercado de trabalho livre, ou seja, em grande desvantagem econômica e social, sem apoio da sociedade, do Estado e da Igreja. Diante disso restou a eles uma inclusão marginal, principalmente enquanto trabalhador informal, com renda inferior à dos demais segmentos populacionais da sociedade.

A qualificação do ex-escravo negro como inferior atingia-o tanto pessoalmente quanto coletivamente. Nessa categoria entrava também sua cultura e, dentro dela, sua música, sua dança, sua culinária, sua religião, suas roupas típicas e a forma própria como socializavam o saber (educação).

A presente pesquisa, inspirada na realidade específica dos afrodescendentes, teve como alvo os negros incluídos enquanto gestores escolares.

O conceito de gestão escolar é abrangente. Ele inclui as funções, ações e operações de planejamento, organização, direção, coordenação e avaliação de uma dada unidade escolar com vistas à realização de sua finalidade (Libâneo, 2004, p. 132-33).

Os gestores escolares são aqueles que desempenham essas funções. A categoria “gestores”, para as finalidades deste estudo, inclui os diretores, vice-diretores, professores coordenadores e o educador profissional do Programa Escola da Família, da rede pública estadual paulista, no município de Limeira.

Conhecer a auto-imagem desses gestores, suas trajetórias, as ideologias que os influenciaram, é essencial para compreendermos como vêem a si mesmos em relação à educação, ao trabalho, à família, à cultura, à sociedade, às relações de poder no âmbito da gestão escolar e como construíram e constroem suas próprias identidades.

Partiu-se da hipótese de que a identidade dos gestores negros é construída a partir da seleção de elementos de um quadro referencial muito variado, incluindo, principalmente a cultura africana, indígena e européia.

Outra hipótese que norteou a pesquisa é a de que a origem negra do gestor escolar é um fator relevante na construção de sua identidade.

Buscou-se nesse trabalho, principalmente, a compreensão do sentido do conceito de identidade. Segundo Norbert Elias, a identidade de uma pessoa tem duas faces que se inter-relacionam: a identidade-eu e a “identidade-nós”.

A identidade-eu diz respeito à pessoa enquanto singular, focalizando as diferenças, enquanto que a “identidade-nós” caracteriza o indivíduo pertencente a um determinado grupo, primeiramente a família, mas também outros grupos do qual faça parte, focalizando aquilo que é comum.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a identidade dos gestores escolares negros. Isso significa verificar qual é a auto-imagem dos gestores escolares negros e qual é sua composição social ou *habitus*.

Auto-imagem significa a imagem que se tem de si mesmo. Assim, em cada configuração social há uma auto-imagem do ser humano, influenciada por redes de visões de mundo, de modos de olhar a si mesmo e a realidade circundante.

Quanto à composição social ou *habitus*, tratou-se de verificar quais são características sociais comuns da configuração social pesquisada e como, apesar disso, os gestores negros adquirem características que os individualizam.

Procurou-se registrar a trajetória dos gestores escolares negros, da rede escolar pública do Estado de São Paulo, no município de Limeira.

Quanto ao referencial teórico, foram utilizados, principalmente, os conceitos de identidade, de configuração, de interdependência, de exclusão, de mestiçagem e de sincretismo, de cultura e de gestão.

Do ponto de vista metodológico fez-se uso da pesquisa qualitativa. Porém, numa primeira fase, fez-se uso de um levantamento quantitativo dos gestores da rede.

Foram coletados dados gerais e dados específicos. Os dados gerais foram coletados através de um questionário dirigido a todos aqueles que ocupavam cargos e funções típicas de gestão. Foram incluídos nessa fase diretores, diretoras, vice-diretores e vice-diretoras, professores e professoras coordenadores e o educador profissional, coordenador do Programa Escola da Família, independente da origem étnico-racial. Esse levantamento teve como objetivo coletar dados que mostrassem o universo geral do campo da gestão escolar, bem como quantificar a singularidade negra. Para isso foi elaborado um questionário que indagava nome, escola, cargo ou função, faixa etária, tempo de profissão, gênero e origem étnico-racial.

No tocante ao item origem étnico-racial, foram indicadas no questionário opções baseadas nos critérios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a saber, preto, pardo, branco, indígena e outro. Foi feita uma ressalva no tocante a este item, esclarecendo que, caso o sujeito pesquisado não se sentisse contemplado nos critérios do IBGE, poderia indicar outra categoria que entendesse mais adequada ao seu caso. As respostas mostraram

que os gestores escolares apontaram as seguintes categorias étnico-raciais: preto, pardo, branco, afro, negro e negra.

Para efeito deste trabalho foram utilizadas as categorias negro e negra para incluir os pesquisados que se autodeclararam como preto pardo, afro, negro e negra.

Esse levantamento prévio mostrou que a presença negra na gestão escolar da escola pública estadual paulista em Limeira, é muito reduzida, apresentando uma quantidade total de quatorze pessoas, num universo de noventa e quatro pessoas. Uma das pessoas se autodeclarou como branca, embora tenha afirmado que tem ancestrais negros e brancos. Disse ter pele branca, mas tem traços que demonstram sua origem negra e africana. Porém, como esse trabalho quer captar a auto-imagem dos sujeitos pesquisados, esse sujeito não foi incluído entre os quatorze negros, uma vez que se auto-excluiu daquele grupo.

Para a coleta de dados específicos, focada exclusivamente nos gestores escolares negros, foi utilizado um roteiro para entrevista semi-estruturada abrangendo os seguintes aspectos: família, educação, cultura, África, exclusão, discriminação e política.

Dos quatorze gestores incluídos na categoria “negros”, foram entrevistados doze. Os demais não foram entrevistados, por diversos motivos: um alegou que não queria ser entrevistado. O outro disse não ter tempo para dar entrevista, uma vez que era “muito ocupado”.

Tendo em vista que o número de gestores negros encontrados foi pequeno (14), procurou-se entrevistar o maior número possível deles, independente da idade, do gênero e do tempo no cargo ou função.

A coleta dos dados gerais não ofereceu grande dificuldade, tendo em vista que os dados eram objetivos e quantitativos e não demandavam muito tempo de cada sujeito pesquisado.

Entretanto, os dados específicos ofereceram uma dificuldade maior, pois o tempo para entrevista variava de 30 a 60 minutos, sendo que os dados coletados deveriam ser extraídos da própria fala dos sujeitos pesquisados o que demandou uma série de negociações entre o pesquisador e o pesquisado.

Para o estudo do material pesquisado foi feito uma análise de conteúdo, selecionando-se os temas mais enfatizados pela fala dos entrevistados a saber: família, educação, exclusão, escravidão, cultura e gestão.

Na apresentação dos resultados da pesquisa optou-se por uma linha expositiva, enfatizando-se a fala dos pesquisados sobre a própria trajetória pessoal e familiar. Procurou-se extrair dos dados elementos para se constatar a auto-imagem e a rede de funções interdependentes na qual o pesquisado está inserido, bem como as funções específicas que o mesmo tem ocupado e ocupa nessa rede; as exclusões e inclusões verificadas no processo; a representação mental do pesquisado sobre temas como: escravidão, discriminação, exclusão e cultura; o lugar do pesquisado dentro da gestão escolar.

O referencial teórico principal utilizado para as análises dos dados é aquele trabalhado por Norbert Elias. Desse autor foram utilizados conceitos como o de identidade, de auto-imagem, de configuração e de interdependência, de cultura (*Kultur*) e de civilização.

Além desse autor foram utilizadas contribuições de outros pensadores. Além do conceito de identidade, sobre o qual foi feito um inventário mais extenso, também foram utilizados autores que trabalham temas diretamente relacionados com esse, tais como: o conceito de exclusão de José de Souza Martins; o conceito de mestiçagem, trabalhado por Munanga Kabengele e também por Carlos Serra; o conceito de sincretismo trabalhado por Roger Bastide; o conceito de multiculturalismo trabalhado por Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Ana Canen e Ângela M. A. de Oliveira. Foi incorporado ao trabalho o enfoque trabalhado por Nilma Lino Gomes sobre trajetórias escolares, numa perspectiva multicultural.

A exposição do trabalho foi dividida em três partes: na primeira foi apresentada uma discussão teórica sobre os temas principais da pesquisa; na segunda, procurou-se fazer uma síntese das falas, seguida de uma análise a partir do referencial teórico escolhido; na terceira parte foram apresentadas as entrevistas transcritas na íntegra, ocultando-se os nomes verdadeiros dos entrevistados para resguardo da privacidade dos mesmos. Por fim, foram anexados os instrumentos de coleta dos dados: o questionário de coleta dos dados gerais e o roteiro utilizado para entrevista.

Primeira Parte: Do referencial teórico

O quadro teórico a partir do qual os dados coletados foram analisados foi construído a partir de contribuição de vários autores. A seleção levou em consideração conceitos diretamente relacionados com o objeto, hipóteses e objetivos dessa pesquisa.

Foram destacados os conceitos de identidade, de configuração, de educação, de exclusão e de cultura.

1. Da identidade

Segundo Houaiss e Villar (2001, p. 1565), a palavra identidade, provém do latim *ident*, que significa “semelhante”, “o mesmo”. Um dos conceitos de identidade apresentado por esses autores é aquele que a vê como o “conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la”.

Essa definição enfatiza as diferenças individuais, aquilo que distingue uma pessoa da outra. Essa visão não é única. Outras definições apareceram na história das idéias sobre identidade no Brasil.

A discussão sobre a identidade brasileira vem sendo travada pela elite intelectual desde o século XIX.

O quadro teórico que norteou essa discussão foi o pensamento ilustrado europeu, matriz do pensamento racista, eurocentrista e da ideologia do branqueamento que ainda persiste em nosso meio.

Segundo Castells (1999, p. 24-27) identidade é aquilo que é “fonte de significado e experiência de um povo”.

Partindo dessa definição este autor apresenta três tipos de identidade: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto.

A identidade legitimadora tem como centro elaborador e difusor as instituições dominantes de uma dada sociedade. Trata-se de um meio para garantir a expansão e a racionalização de sua dominação em relação aos demais segmentos na sociedade.

A identidade de resistência é de oposição. Seu centro elaborador e difusor são os segmentos dominados e marginalizados que constroem verdadeiras trincheiras para conter o projeto dos atores dominantes da sociedade.

Finalmente há a identidade de projeto que é elaborado por atores ou segmentos sociais que querem alterar a posição que ocupam na sociedade e lutam para transformar suas estruturas. Constroem uma nova identidade servindo-se dos materiais culturais a seu alcance. Estes materiais podem ser extraídos da história, da geografia, da biologia, de instituições produtivas e reprodutivas, da memória coletiva, das fantasias pessoais, dos aparatos de poder e até mesmo de revelações de cunho religioso.

O pensador africano Munanga (1999, p. 14, 27, 43, 52-53, 62, 70 e 108), discute o problema da identidade nacional e da identidade negra, a partir de uma discussão sobre a mestiçagem. Na seqüência serão apresentados os principais pontos de seu pensamento.

Quando se fala de identidade está se pensando numa busca de autodefinição, de auto-identificação. Isso pode ser traduzido por indagações tais como: “quem somos nós?”, “de onde viemos” e “aonde vamos?”.

Nos Estados Unidos da América a criação de uma identidade negra foi facilitada por fatores externos à própria comunidade. Ao criar o conceito de hipodescendência, segundo o qual basta uma gota de sangue negro para que a pessoa seja negra, a elite branca dos Estados Unidos contribuiu para que os negros, independentemente de suas variações de cor, lutassem juntos para vencer o preconceito, a segregação e a discriminação.

No caso do Brasil, a elite, ajudada pelos seus intelectuais, criou uma ideologia de branqueamento. Essa ideologia propunha políticas que proporcionassem o desaparecimento dos elementos não brancos da população brasileira e que se construísse um povo tipicamente brasileiro, de predominância biológica e cultural branca. Como estratégias para esse branqueamento foram incentivadas a mestiçagem e a introdução massiva de brancos europeus.

Assim, no Brasil, segundo essa visão, negro, é aquele que tem pele bem escura, preta. Branco é aquele que está no pólo oposto, pele branca. Entre um e outro está o mestiço, com suas mais variadas gradações de cor.

Junto com as diferenças de cor estão as diferenças de reconhecimento social: o branco é considerado pela elite intelectual brasileira um ser superior ao negro. O mestiço é colocado está entre os dois pólos. Quanto mais se aproximar do negro, segundo aquela visão, mais inferior é. Mas quanto mais se aproximar do branco mais é considerado superior.

A ideologia do branqueamento e a mestiçagem apontam, segundo o Munanga, para a construção de uma sociedade unirracial e unicultural, contrapondo-se à construção de uma sociedade plurirracial, pluriétnica e pluricultural.

A construção de uma identidade negra passaria, portanto, por uma crítica à ideologia do branqueamento e à proposta de uma sociedade unirracial e unicultural; pela defesa de uma proposta que aponte para a construção de uma sociedade plurirracial, pluri-étnica e pluricultural; pela construção da solidariedade entre os afro-descendentes independentemente das variações de tom de pele; e pela valorização da cultura e dos valores africanos.

Outro autor a trabalhar a questão é Sodré (1999, p. 33-37) que define identidade a partir de dois enfoques, representados por dois conceitos diferenciados: a identidade enquanto *idem*, e a identidade enquanto *ipse*. Será apresentada abaixo uma síntese desses conceitos.

O termo identidade, derivado do latim “*idem*”, é uma resposta à questão: o que permite a um indivíduo ou grupo social agir como ator social? Ou ainda, que condições regem e classificam a ação desse indivíduo ou grupo permitindo-lhe agir como ator social?

A palavra *idem*, resultante do latim escolástico *identitas*, é uma latinização do termo grego *to auto*, que significa “o mesmo”. Ele dá a idéia de que a identidade consiste na permanência de algo que, apesar de toda pressão externa, continua sempre o mesmo no tempo e no espaço.

Falar de identidade, a partir dessa concepção, é reconhecer que indivíduos e os grupos aos quais pertencem têm um quadro contínuo de referências formado a partir da história individual e coletiva e das relações intra-individuais.

A identidade enquanto *idem* remete sempre para a relação entre dois referentes que, em essência são o mesmo.

Essa relacionalidade não ocorre com o conceito de identidade enquanto *ipse*, que também significa “o mesmo”. Diferencia-se do primeiro conceito, pois diz respeito à singularidade, portanto sem referência a outro a não ser a si mesmo.

Outro pensador que trabalha o tema da identidade é Woodward (2000, p. 12). O tratamento da temática por esse pensador se dá a partir de um conflito histórico de identidades na antiga Iugoslávia: ali, de um lado, havia uma identidade sérvia, e de outro, uma identidade croata.

Para trabalhar a questão, Woodward propõe definir identidade a partir de duas perspectivas: uma essencialista e outra não-essencialista.

A identidade a partir de uma perspectiva essencialista sugere a existência cristalina e autêntica de características que não se alteram ao longo do tempo e que são compartilhadas pelo grupo.

A identidade não-essencialista considera tanto as características comuns partilhadas quanto as diferenças, tanto intra quanto inter-grupais atualmente e ao longo da história.

Hall (2002, 10-13), apresenta três concepções de identidade: a concepção do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

O iluminismo é um movimento espiritual e filosófico do século XVIII que tem como característica fundante uma confiança ilimitada na razão humana. Suas características mais marcantes são: veneração pela ciência, empirismo, racionalismo, antitradicionalismo e otimismo utópico (Mondin, 1981, p. 204).

O sujeito iluminista nasce com um núcleo interior intacto, caracterizado pela racionalidade, unificação, centralização, consciência. Esse núcleo se desenvolve com o sujeito ao longo de sua existência. Mas essencialmente o sujeito continua o mesmo.

O surgimento da noção de sujeito sociológico se confunde com o próprio surgimento da sociologia enquanto ciência, visto que o contexto é comum, ou seja, a crescente complexidade do mundo moderno.

Segundo essa noção de sujeito sociológico a identidade é formada a partir da interação entre duas instâncias: indivíduo, por um lado, e sociedade, por outro, ou em outras palavras, entre o “eu” e a “sociedade”, interior e exterior num diálogo contínuo.

O sujeito pós-moderno é aquele que não tem uma identidade fixa, mas é formada e transformada continuamente, dependendo dos sistemas culturais circundantes. O mesmo indivíduo pode ter identidades diferentes a cada momento, dependendo das circunstâncias. O sujeito pode assumir identidades contraditórias, pois carece de um eu coerente e unificador.

Goffman (1988, p. 11-12 e 67) procura desenvolver o conceito de identidade social e pessoal, associado ao termo grego *stigma*.

Na Grécia antiga o estigma era uma marca feita no corpo de uma pessoa para evidenciar alguma coisa extraordinária ou má sobre seu *status* moral. Esse sinal (estigma) identificava a pessoa, tirando-a do anonimato e mostrava sua identidade, ou seja, a forma como a sociedade a via.

Na era cristã, o termo estigma passou por uma alteração de sentido, passando a designar tanto o sinal da graça divina quanto sinais corporais de distúrbio físico.

Atualmente, sustenta o mesmo autor, o termo é utilizado na sua acepção original, porém mais amplamente usado para designar as desgraças do ser humano.

O conceito de identidade como estigma pode ser desdobrado em duas: identidade social e individual.

A identidade social de uma pessoa são seus atributos e sua categoria. Os meios para categorizar as pessoas e os atributos de cada categoria são estabelecidos pela sociedade. Essa identidade, por sua vez, também pode ser reclassificada como identidade social virtual e identidade social real.

A identidade social virtual é aquela que é fruto da categorização e de atribuição de características do indivíduo pela sociedade.

A identidade social real, por sua vez, é aquela que é estabelecida a partir da categoria e dos atributos que o indivíduo prova possuir.

Além da identidade social tem-se a identidade pessoal, que é resultante de marcas positivas e combinação de itens da história de vida incorporados ao indivíduo.

Elias (1994a, p 13-14; 22-23; 58-59; 63-66; 110-111; e 152), trata da questão da identidade dentro de uma reflexão mais ampla que é a relação ente indivíduo e sociedade. Abaixo segue um resumo de suas principais reflexões.

Elias concebe a sociedade como um “rede de funções que as pessoas exercem umas em relação a outras”. Essas funções são interdependentes e a relação entre as pessoas individualmente consideradas seguem leis autônomas.

O que Elias diz sobre a sociedade vale também para as instituições, organizações e grupos da sociedade. Exemplificando, podem ser citados a família, o clã, a tribo, a religião e a escola.

Em qualquer grupo de pessoas no qual o indivíduo participe estará integrado na rede de funções própria desse grupo. O nível de interdependência entre os indivíduos participantes e, ao mesmo tempo, os níveis de individualização variam de grupo para grupo e dependem do grau de complexidade do mesmo. Assim, numa tribo a rede de funções tende a ser mais simples do que numa sociedade urbana e industrial. A dependência do indivíduo em relação à tribo no tocante à sua sobrevivência material e social tende a ser bem maior do que numa sociedade mais complexa e desenvolvida.

Nos pequenos grupos humanos em épocas remotas ou nos dias atuais, mas que vivam em condições semelhantes àqueles, pelo fato de necessitarem de poucas funções para garantir sua conservação grupal e individual, a divisão de tarefas era ou é desnecessária ou então muito simples. As funções se resumiam ou se resumem à garantia da alimentação e à segurança.

A alimentação dos pequenos grupos em épocas primitivas era garantida pela coleta nas matas, pela caça ou pela pesca, por pequenas criações de gado e agricultura rudimentar. A segurança, pela busca de abrigos naturais (cavernas) e pela defesa coletiva contra predadores ou contra grupos rivais. Dessa forma era possível que os indivíduos membros detivessem todos os conhecimentos necessários para o desempenho das funções necessárias àquela sociedade.

Mas todo grupo, toda sociedade passa por mudanças. As populações aumentam, novos desafios e novas necessidades surgem, as sociedades tornam-se mais complexas.

Cada indivíduo já não consegue deter conhecimento para o exercício de todas as funções de que a sociedade precisa. Surge então a divisão técnica das funções para satisfazer necessidades que não foram planejadas, mas foram fruto do desenvolvimento dos indivíduos ligados entre si em rede de interdependência.

O exercício das múltiplas funções numa sociedade desenvolvida exige preparação especializada que é oferecida em instituições especialmente criadas para esse fim. São as escolas,

às quais, os indivíduos recorrem para se prepararem para o exercício das funções disponíveis na sociedade.

Quando a quantidade de funções disponíveis são inferiores à quantidade de indivíduos que se propõem a exercê-las tem-se uma situação de concorrência ou de competição.

Essa concorrência ou competição, segundo Elias, não é algo planejado, mas resultado de leis autônomas que regulam socialmente as relações entre os indivíduos, ou efeitos não premeditados dessas relações.

Uma dada situação de concorrência traz consigo uma tensão entre indivíduos e grupos funcionais. As soluções podem ser as mais variadas: o uso da violência, o uso da inteligência, o esforço pessoal e o poder social. Elas dependem da forma como os indivíduos de um determinado tempo e espaço estão estruturados socialmente, ou seja, estão ligados através da rede de interdependência.

No tocante ao conceito de identidade, Elias, coerente com sua visão de sociedade, o desdobra em dois aspectos: a “identidade-eu” e a “identidade nós”. Essa distinção tem como pressuposto que toda pessoa faz parte de um determinado grupo, de um coletivo.

Não existe um “eu” separado de um “nós”, o indivíduo de um lado e do outro a sociedade. A sociedade é formada por indivíduos unidos por laços de interdependência. Na grande cadeia que liga todas as pessoas, cada indivíduo é um elo.

O indivíduo é singular, pois toma decisões e age, procurando atender necessidades, desejos e sonhos pessoais. Mas essas decisões e ações se dão em contexto mais amplo, coletivo, comunitário, grupal, social. É essa instância coletiva da qual o indivíduo é parte que lhe fornecerá o contexto, o pretexto e os limites de sua decisão e sua ação.

Assim, a resposta à questão “quem sou”, é a “identidade-eu”, enquanto que a resposta à questão “quem somos nós?” ou “a que sociedade pertencemos?”, é a “identidade-nós”. Exemplificando, o nome de uma pessoa revela sua “identidade-eu”, enquanto que o sobrenome (nome de família) revela sua “identidade-nós”.

A família, entretanto não esgota todas as possibilidades de “identidade-nós”, uma vez que ela pode integrar-se a uma dada sociedade local, que por sua vez pode integrar-se a uma sociedade nacional e até internacional. Alguém pode dizer que se chama João da Silva. Isso já informa os dois aspectos de sua identidade. Mas se este alguém disser que é João da Silva,

brasileiro, latino-americano e habitante do planeta terra, a compreensão de sua identidade se amplia.

2. Da configuração:

Elias (1994b, p. 249-250), ao falar de configuração (ou figuração) o associa ao conceito de interdependência. Cito Elias:

“A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas enquanto pluralidades, apenas como configurações. Este o motivo por que, conforme afirmado antes, não é particularmente frutífero conceber os homens à imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos e sociedades de tipos diferentes) entre si”.

O exemplo que Elias utiliza para ilustrar o conceito de configuração é a Dança de Salão. Nesse tipo de dança as mesmas configurações são dançadas por diferentes pessoas. Entretanto, para que de fato haja dança, há a necessidade de que a pluralidade de indivíduos presentes no salão estejam reciprocamente orientados e dependentes.

Assim, configuração (cf. Brandão: 2003, p. 25-26), na concepção de Elias é uma formação social de uma dada época e lugar em que indivíduos interdependentes formam uns com os outros uma teia de relações na qual se acham ligados entre si em vários níveis e de várias maneiras.

3. Da educação

Dentro de uma sociedade complexa como a da configuração atual, com sua multiplicidade de funções a educação e, principalmente, a educação escolar ganha maior relevância. É através dela que os indivíduos adquirem os saberes necessários para ocupar aquelas funções.

A escola, na configuração atual, constitui-se numa agência especializada para preparar longamente os indivíduos para o exercício daquelas funções imprescindíveis na sociedade.

Segundo Gomes (2002, p. 40) essa instituição não é relevante apenas para prover os saberes escolares para os indivíduos. Ela vai além disso, dotando aqueles também de saberes sociais e culturais.

Em decorrência dessa característica da escola e da educação escolar, sua importância para a construção das identidades sociais, segundo a autora, é muito grande. Ali são aprendidos e partilhados além dos conteúdos e saberes escolares, os valores, as crenças, os hábitos, mas também, os mais diversos preconceitos.

Nesse sentido a trajetória escolar, sem desprezar as outras trajetórias empreendidas pelo sujeito, constitui-se num momento relevante no processo de construção de identidade, seja reforçando estereótipos e representações negativas, seja superando-os.

Essa construção de identidade se dá num contexto coletivo, mas não exclusivamente. A forma como o sujeito se posiciona em relação ao grupo, construindo junto com os demais sujeitos (indivíduos) relações de interdependência, mobilizando-se ou retraindo-se, interfere na construção de sua identidade.

Elias (1994b, p. 211-212) acentua a necessidade de controle das paixões, dos sentimentos, da conduta dentro da rede de relações interdependentes, visando levar a termo o processo civilizador.

Nessa perspectiva, a educação escolar ganha relevância para civilizar, para formar meios para que os sujeitos ali inseridos desenvolvam hábitos e padrões de conduta necessários para que ocupem as funções dentro da rede de funções interdependentes que é a sociedade.

4. Da Exclusão

Outro conceito a ser trabalhado é o de exclusão. Há segmentos da sociedade brasileira que têm sido historicamente excluídos pelo sistema econômico e pelas políticas públicas e, ao mesmo tempo, incluídos de forma marginal e degradante.

O tema da exclusão é muito presente nos discursos de professores, de agentes políticos, religiosos, de agentes dos movimentos sociais e de outras organizações da sociedade civil, chamada de terceiro setor.

Fala-se da exclusão escolar, da exclusão da mulher, da exclusão dos portadores de deficiência, dos sem-terra, dos sem-teto, dos índios, dos moradores de rua e dos negros, dos excluídos das tecnologias de informação (exclusão digital).

Pretende-se aqui compreender o conceito de exclusão e de seu correlato, inclusão, e relacioná-lo com a questão que envolve o segmento negro de nossa população, principalmente com o tema da identidade.

Martins (1997, p. 16-18; 29-33), trabalha o tema da exclusão, a partir da experiência dos trabalhadores rurais do Brasil. Ele aborda principalmente o conjunto dos trabalhadores sem terra e o tema da reforma agrária.

Segundo o mencionado autor, apesar do uso corrente da expressão “exclusão”, utilizada de maneira exaustiva por diversos agentes sociais, tanto em nível de discurso quanto em nível de prática, trata-se de uma categoria muito vaga, no sentido de imprecisa e vazia. Ao se utilizar tal expressão, tais agentes incluem na mesma, os pobres, os marginalizados e todos aqueles que, de uma forma outra, não têm acesso a benefícios que, em tese, deveriam ser acessíveis a todos. Trata-se, pois, de privação. Ocorre, então, uma substituição: todas as privações que as pessoas sofrem, são, nesses discursos, substituídos pelo conceito de exclusão. Seria melhor, na visão de Martins, utilizar-se a idéia sociológica de processos de exclusão. Essa idéia seria mais adequada para apreender o que realmente acontece com a população que passa por “processos” de exclusão, sendo esta apenas um momento daqueles.

A exclusão surge, segundo Martins, com o capitalismo. Grandes massas de camponeses foram expulsos da terra, desenraizados e forçados a aceitarem novas regras de

trabalho ditadas pelo mercado. Ou seja, se num primeiro momento tem-se a exclusão, na seqüência tem-se a inclusão. Nesse sentido, o problema que se coloca não é o da exclusão em si, que é inerente ao capitalismo, mas a forma de inclusão, que no capitalismo nascente se dá na forma de assalariamento. Nesse processo o trabalhador é excluído enquanto camponês e incluído enquanto proletário, dono (apenas) de sua força de trabalho a ser vendida ao capitalista.

Visto dessa forma a exclusão tem seu lado positivo que é a inclusão (ou reinclusão), se esta se der em condições superiores às constantes do *status* anterior; se as relações sociais e de trabalho novas se derem de forma mais moderna, mais avançadas e se resultarem em avanço rumo à liberdade e a igualdade e em melhores condições de vida do ponto de vista econômico, social, moral e político.

Isso ilustra uma idéia que é preciso expressar de maneira clara: o problema não é a exclusão, mas as formas de inclusão. É preciso indagar se determinada exclusão tem como contrapartida uma inclusão que signifique avanço ou precariedade e degradação daqueles que foram incluídos.

Na história do Brasil, segundo Martins, o que se tem visto é que os processos de exclusão têm tido como contrapartida inclusões precárias e degradantes. Nesse sentido podem ser citados alguns exemplos: os negros africanos, os índios, os trabalhadores rurais, os migrantes. Todos esses passaram e passam por processos de exclusão e tiveram processos de inclusão que não significaram na maioria das vezes avanços em termos de qualidade de vida.

Os negros africanos foram excluídos de seus territórios, de suas famílias, de suas culturas, de suas religiões, enfim, de suas principais referências. Foram incluídos, no Brasil e nos demais países do Novo Mundo, como escravizados, colocados na posição de animal, de “fôlego vivo”, como “máquina” de produção.

Como escravizados os negros foram destituídos de direitos (não eram cidadãos). Não podiam, portanto, ter acesso à instrução formal, a constituição de patrimônio próprio, a uma família regular.

Ante essa situação muitos negros optaram pela auto-exclusão em relação ao escravismo, que se deu pelo suicídio ou pela fuga das fazendas. A primeira opção, objetivamente punha fim à possibilidade de inclusão histórica, mas, subjetivamente, significava reinclusão à África e, portanto, à condição de vida anterior à escravidão. A segunda opção (fuga) teve como

contrapartida uma forma de inclusão construída pelos próprios sujeitos, que foi a re-construção de um espaço em território local – os quilombos - daquelas condições anteriores existentes antes do desenraizamento da África.

O movimento abolicionista surgiu para acabar com o trabalho escravo no Brasil e, portanto, apontava para a exclusão dos negros enquanto escravizados. Essa perspectiva teria que ter como contrapartida a possibilidade de inclusão em outro nível. Embora algumas vezes, dentre elas, José Bonifácio (Silva: 1999, p.214), quando da Independência do Brasil em relação ao domínio português, apontassem para uma inclusão dignificante para a massa escravizada, isso não foi consolidado no processo. Em vez disso, foram trabalhadas outras possibilidades políticas que tornaram a re-inclusão do negro degradante, como “paria”, como antítese dos ideais de brasileiro, conforme pensado pela elite de então.

Uma possibilidade política que dificultou a reinclusão do negro na sociedade brasileira foi a Lei de Terras de 1850.

Até a aprovação dessa lei, o acesso à terra no Brasil era livre. A propriedade da terra era do Estado. O Estado permitia o acesso livre à terra de homens brancos e livres e que fossem “homens bons”, ou seja, pudessem votar e ser votados, cidadãos. Estes homens faziam com o Estado um contrato de sesmaria, e eram chamados de “sesmeiros”. Tratava-se de um contrato que gerava direito de uso. As benfeitorias e os frutos produzidos, estes sim, tornavam-se propriedade dos sesmeiros.

A Lei de Terras acabou com o regime de sesmarias e determinou que a partir de então o acesso à terra se daria através de compra.

A aprovação desta ocorreu no mesmo ano em que foi aprovado uma que pôs fim ao Tráfico de Escravos no Brasil.

Com a abolição do trabalho escravo, em 1888, os negros libertos, não puderam ter acesso livre à terra, não restando a eles alternativa a não ser continuar nos mesmos postos anteriores ou disputar outros empregos. Mas isso também foi dificultado por outra possibilidade política, ou melhor, política pública: a imigração.

A imigração de trabalhadores europeus teve início antes do término do processo de abolição do trabalho escravo. O objetivo era substituir o trabalhador escravo por trabalhadores afeitos às relações de trabalho próprias do capitalismo. Com isso, os negros libertos não puderam

ter acesso aos melhores postos de trabalho oferecidos para a população livre, ocupados por imigrantes.

Os índios passaram por processo semelhante aos dos negros, uma vez que também houve escravidão indígena. Diferentemente do que ocorreu com os negros, os índios, desenraizados de suas tribos e nações, tiveram apoio de religiosos católicos, que procuraram incluí-los de forma menos degradante, como “administrados”, termo socialmente mais aceitável que “escravizados”.

5. Da cultura

Segundo Elias (1994b, p. 23-27 e 63), o termo alemão *kultur* designa uma série de fatos que caracterizam a auto-imagem do povo alemão, gestado a partir de sua classe média. Correlato a esse termo há a utilização dos termos *kulturell* e *kultiviart*.

O termo *Kultur*, para os alemães, está associado aos fatos intelectuais, artísticos e religiosos. Os fatos políticos, econômicos e sociais não estão inclusos nele.

Kulturell, por sua vez, refere-se aos às realizações humanas, aos seus produtos, focalizando seu caráter e valor.

Por outro lado, *kultiviart* (cultivado) refere-se a comportamento ou conduta da pessoa humana, suas qualidades pessoais, suas moradias, suas roupas, suas falas, suas maneiras.

Esse arcabouço conceitual alemão tem como contraponto o conceito de civilização (dos termos franceses *civilisation* e *civilité* e do Alemão *Zivilisation*), gestado a partir da vida e comportamento da corte, ou seja, da classe aristocrática. Trata-se de um conceito abrangente que inclui fatos, realizações humanas e comportamentos ou condutas. Assim, fatos tecnológicos, maneiras de agir e de comportar-se nos vários momentos da vida cotidiana, desenvolvimento dos conhecimentos científicos, idéias religiosas, costumes... Tudo isso pode ser abrangido pelo conceito de civilização.

No contexto alemão, *Kultur* está associado aos estratos médios (burguesia) da população. *Zivilisation*, por sua vez, está associado aos estratos aristocráticos. Os dois conceitos taduzem o conflito existente entre os dois pólos.

No contexto francês e inglês a expressão “civilização” é de uso mais generalizado que no contexto alemão. Inicialmente traduz o cotidiano da corte. Os estratos médios, em que pese o período revolucionário, sobretudo na França, não rompeu os vínculos com a tradição da corte no tocante ao comportamento e ao controle das emoções.

Carlos Serra (2000, p.78-87) propõe o conceito de mestiçagem cultural como referencial epistemológico.

A mestiçagem a que se refere o autor é a combinação de dois referenciais culturais: o ocidental, chamado por ele de “cartesiano”, que procura explicar a realidade a partir da ciência moderna, objetiva e matematizável e os saberes tradicionais do povo africano, com suas explicações “metassociais” e “metanaturais”.

O referencial cartesiano, para Serra, é a ciência moderna ocidental, com sua racionalidade marcada pela dúvida metódica, por suas explicações e causalidades binárias. As explicações metassociais e metanaturais se baseiam em crenças, entidades sobre-humanas e sobrenaturais que governam a vida humana. Os fenômenos sociais e naturais são explicados a partir dessas crenças.

Ao propor essa “epistemologia mestiça” para se trabalhar a educação, o autor propõe que se pense a realidade e gestão do ensino a partir do referencial do saber científico, de origem cartesiana, e do pré-científico, da cultura tradicional africana, como estratégia para resolver o problema educacional dos países não desenvolvidos como os da África.

Na mesma esteira de Serra, mas olhando para o contexto brasileiro, Bastide (1973, p. 159-191) trabalha o conceito de sincretismo cultural entre as religiões de origem africana e o catolicismo.

Segundo esse autor o contato entre as culturas africanas e a cultura ocidental católica possibilitou a elaboração de um quadro de equivalências culturais funcionais. Dessa forma para cada entidade religiosa africana (orixá, vodun, inkice) haveria uma entidade católica (santo). Trata-se de sincretismo, o que significa que as entidades africanas e católicas não são idênticas, mas que há entre elas equivalências funcionais. Assim, Ogum e São Jorge não seriam os mesmos, mas a função atribuída a cada um (o ser guerreiro) é equivalente e, muitas vezes são confundidos: para muitos adeptos de religiões de origem africana, Ogum é São Jorge e São Jorge é Ogum. Nos momentos de luta eles são referência para a realização dos embates. Santa Bárbara e Yansã têm a mesma equivalência funcional devido à referência de ambos aos ventos e tempestades. Yemanjá, por ser a grande mãe, é sincretizada com Nossa Senhora (da Conceição, dos Navegantes ou outras, conforme a região).

Gonçalves e Silva (1988, p. 11-32); Canen e Oliveira (2002, p. 62-62), trabalham o conceito de multiculturalismo.

O multiculturalismo é um conceito amplo que surgiu da luta dos grupos dominados culturalmente contra a hegemonia monocultural eurocêntrica. Procura compreender a sociedade como sendo conformada por identidades plurais, caracterizada por diversidade de etnia, de gênero, de classe social, de padrões culturais e lingüísticos.

Ela surgiu com os afrodescendentes dos Estados Unidos na luta contra a segregação e pela igualdade. Entretanto abrange outras minorias que não são étnicas, contemplando a luta das mulheres, dos homossexuais e lésbicas, dentre outras.

Contra a visão essencialista do iluminismo, que vê a identidade como algo estático, fixo, o multiculturalismo a vê como “descentrada, múltipla e em processo de construção e reconstrução”. Suas categorias centrais são “a diversidade, a descontinuidade e a diferença (Canen e Oliveira: 2002, p. 61).

Segunda Parte: Análise dos dados pesquisados

As falas dos gestores, sujeitos desta pesquisa, foram organizadas de acordo com as temáticas mais enfatizadas e que mais se aproximaram dos objetivos do trabalho. As temáticas selecionadas foram: família, educação, exclusão, escravidão, cultura e gestão escolar.

1. Família:

Quanto à origem étnica dos entrevistados há uma diversidade no tocante à formação de redes afetivas. Percebem-se uniões entre os próprios descendentes de africanos, entre africanos e europeus e uma entre africano e indígena.

Na formação de casais afetivos entre africanos e europeus, destacam-se as uniões de africanos com portugueses, com espanhóis e com italianos.

Trata-se de uniões monogâmicas, que, segundo Elias (1994b: p. 182) é a instituição predominante no ocidente no tocante à regulação das relações sexuais. A implantação dessa modalidade de união resulta de uma luta antiga da Igreja, segundo esse autor.

Quanto à origem geográfica, duas regiões brasileiras são citadas: nordeste e sudeste.

No tocante à região nordeste são citados os Estados da Bahia e da Paraíba. Em relação à região sudeste, são mencionados os Estado do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais. Alguns entrevistados são limeirenses natos. O Estado de São Paulo é citado como o Estado de origem da maioria dos pesquisados.

Quanto à trajetória profissional é possível fazer um paralelo entre as ocupações dos pais e mães, com as ocupações do entrevistado.

A ocupação dos pais não mostra muita diversidade. A maioria trabalhava na zona rural exercendo as funções de agricultor, seja como empregado ou como pequeno sitiante,

plantando ou produzindo farinha. Há ainda o registro de outras ocupações como a de carroceiro que entrega carne, embaladeira de laranja, costureira, professora e autônomo.

As ocupações dos pais não foram mencionadas por todos os pesquisados.

As ocupações dos filhos, os pesquisados, mostram uma maior diversidade. As ocupações mencionadas são: trabalho rural, emprego doméstico, babá, costureira, operária, bancário, monitora educacional e professor/professora.

A diferença entre os pais e os filhos está na mobilidade ocupacional. Os pesquisados ocupam funções de maior reconhecimento social que seus pais. Com exceção de um dos entrevistados que tem uma mãe que também exerce a profissão de professora, todos os demais avançaram.

Segundo Elias (1994, p.166-168) as relações-nós são inúmeras, mas na família ela é mais intensa, mais forte. Nesse grupo a coloração emocional é mais acentuada do que em outros grupos.

A família enquanto referencial para a identidade-nós transmite aos seus membros uma carga emotiva maior do que outros grupos. Mas é preciso reconhecer que o tom desse sentimento mudou em épocas anteriores à nossa. No caso dos descendentes de africanos esse sentimento era muito forte no mundo tribal africano. O processo da escravidão provocou, a partir de meados do século XVI um deslocamento de um grande contingente de africanos para o Brasil e outras regiões do então chamado novo mundo. A finalidade desse deslocamento foi o suprimento de mão-de-obra para o domínio colonial no Brasil e nos demais países das Américas. A questão familiar não estava posta. Os colonizadores (portugueses, no Brasil) se preocupavam apenas com a reposição de mão-de-obra, seja através do tráfico de escravos ou da reprodução em cativeiro.

Os escravos não eram livres para formarem família. Os quilombos – comunidades formadas por escravos que fugiam da escravidão - foram espaços de reestruturação familiar e tribal. Eles se constituíram numa alternativa criada pelos próprios africanos e afrodescendentes ao regime escravocrata. Com o fim da escravidão no Brasil, em 1888, os descendentes de africanos tornaram-se libertos e começaram a se reestruturar em famílias.

A reestruturação familiar dos afrodescendentes não foi algo tranquilo. A referência familiar africana estava distante e o outro modelo que esse segmento conhecia era o

português-brasileiro, do senhor de escravos e das demais famílias livres. Era um modelo patriarcal, monogâmico, em evolução para o modelo nuclear, típico da sociedade burguesa. Trata-se de um modelo fortemente influenciado pela religião cristã, na sua versão católica, apostólica, romana.

As famílias de descendentes de africanos formadas após o fim da escravidão são combinações de modelos africanos com o modelo proposto pelos setores dominantes brasileiros, mas principalmente pela Igreja.

A família, seja inspirada em modelo africano, seja em modelo de matriz cristã, é uma unidade de sobrevivência. O indivíduo só poderia se desvencilhar da mesma através do casamento. Isso, principalmente, no caso das mulheres.

Porém, gradativamente, a estrutura familiar foi se alterando. O desenvolvimento social, a multiplicidade de funções trouxe para o indivíduo possibilidades de se destacar em relação à família. Ela deixou de ser uma unidade de sobrevivência física ou social imprescindível para o indivíduo. Com isso tem-se uma passagem do coletivismo familiar para uma situação de maior individualização. Isso ocorre devido a um leque maior de funções que a configuração social atual disponibiliza para o indivíduo.

No caso dos pesquisados, percebe-se uma formação familiar recente. As referências familiares vão se enfraquecendo à medida retrocedem no passado. As referências aos avós aparecem com frequência. Quanto aos bisavós, há poucas referências. Esses núcleos familiares tinham dificuldades muito grandes para garantir a sobrevivência de seus membros. Para esse fim utilizavam-se de algumas estratégias. A primeira delas é a migração, ou seja, a busca de espaços onde se acreditava que essa sobrevivência poderia ser mais facilitada. Os deslocamentos são constantes, até se chegar a um espaço que satisfaça as necessidades dos migrantes. No caso desta pesquisa a maioria das famílias dos entrevistados veio para Limeira. Em alguns casos, só o entrevistado veio.

Outra estratégia que aparece é o trabalho: mulheres que trabalham fora e crianças que começam trabalhar com pouca idade. Na pesquisa aparece um caso de uma criança que começa a trabalhar aos cinco anos de idade.

Uma estratégia que poderia ser citado é o casamento exogâmico, ou seja com pessoas fora do segmento afrodescendente. Entretanto, os dados coletados não permitem afirmar que as uniões inter-étnicas tenham melhorado as condições de sobrevivências das

famílias dos pesquisados. Isso poderia ter ocorrido no caso da união entre uma descendente de italianos (que se encontravam numa condição financeira melhor) e um negro de origem africana. Porém, conforme se verificou, a família italiana puniu a filha por essa ousadia, com a deserção, ou seja, com a exclusão do rol dos herdeiros. As demais uniões inter-étnicas, segundo os dados coletados, não proporcionaram acréscimo patrimonial às famílias afrodescendentes.

A estratégia mais utilizada, porém, foi a educação escolar. A educação escolar possibilitou aos pesquisados o acesso a ocupações que garantem sua sobrevivência de maneira mais eficaz que aquelas empregadas antes pelo grupo familiar. Evoluíram do ponto de vista funcional, ocupando funções de maior reconhecimento social e, ao mesmo tempo, conseguem sobreviver física e socialmente de maneira mais eficaz.

Essa individualização é uma característica da modernidade. Ela significa uma diminuição da importância da família como provedora de todas as necessidades do indivíduo-membro. Essa diminuição é progressiva, sendo que a criança tem mais necessidade da família para prover suas necessidades. Essas necessidades vão decrescendo à medida que o indivíduo se prepara para o exercício de funções no mundo moderno e, assim, garante sua sobrevivência física e social. Ou seja, à medida que fica adulto e preparado para outras relações sociais, maior é a individualização, maior é o distanciamento da família. Seu controle sobre o comportamento dos membros tende a diminuir. Mesmo assim, os laços afetivos ainda continuam fortes, sendo que a família continua, ainda, a ser uma grande referência para a identidade-nós do indivíduo.

Os sujeitos pesquisados demonstram que, dadas dificuldades de suas famílias para a garantia de sobrevivência, o esforço para que pelo menos um ou alguns membros da família buscassem outras formas de sobrevivência foi incentivado. Mas nem todos os membros da família podiam fazer isso, pois isso comprometeria a sobrevivência do grupo familiar.

O desejo de transcender a realidade, crescer socialmente e economicamente e ajudar a família são justificativas para os deslocamentos geográficos e as trajetórias educacionais e profissionais. Mas isso mostra também uma busca de individualização, um desenvolvimento maior da identidade “eu”.

Para esses pesquisados a família é vista como primeiro espaço para a educação formal. Seus esforços visam garantir “algo bom” para a ela, cuidam dos pais idosos, preocupam-se em transmitir valores que julgam importantes aos filhos.

Toda essa dinâmica, deslocamentos e construção de relações interdependentes em espaços não familiares trazem conseqüências para a construção da identidade. A balança “eu-nós”, começa a se deslocar mais do “nós” para o “eu”, no tocante à família, significando uma individualização maior, uma menor dependência do grupo familiar.

2. Educação:

A trajetória educacional dos pesquisados difere, em sua maioria, da dos pais. A maioria destes não teve uma educação no espaço escolar. O aprendizado desses pais se deu, na maioria dos casos, fora da escola e se limitou aos saberes de determinadas funções profissionais. Em decorrência disso, a maioria dos entrevistados tem pais analfabetos, semi-analfabetos ou com pouco saber escolar.

A importância do saber não escolar dos pais é pouco referida. Ela aparece quando se fala do amor, do respeito, do carinho, mas também do rigor e da severidade dos pais no controle do comportamento dos filhos.

Os filhos, os pesquisados, reconhecem o espaço familiar como educativo, onde os pais procuram ensinar seus valores, às vezes, de forma muito rígida. É nesse espaço também que se ensina a valorização da própria etnia, o “orgulho de ser uma afro-brasileira”, conforme a fala de uma das pesquisadas.

Embora alguns pesquisados vejam a família como um espaço onde a educação se inicia, o saber escolar foi buscado de forma bastante incisiva. A família aparece como apoio importante nessa jornada, embora isso nem sempre tenha sido suficiente. O enfrentamento das dificuldades contou também com o esforço dos pesquisados e de apoio de colegas.

O espaço escolar é visto por um dos pesquisados como um caminho para o sucesso. Embora os demais não tenham se expressado dessa forma, a forma aguerrida como geriram seus estudos escolares, enfrentando grandes dificuldades financeiras e preconceitos, corrobora essa fala.

As dificuldades financeiras são mencionadas por grande parte dos pesquisados. O trabalho árduo e os grandes sacrifícios são mencionados para a realização do grande sonho.

As dificuldades econômicas são vistas por um dos pesquisados como resultado de uma “desestruturação” devido à sua origem africana. Há uma menção em relação à baixa escolaridade dos pais como fator que dificulta o sucesso escolar dos filhos.

Há pesquisados que tiveram que interromper o curso universitário retomando-o mais tarde. E há um que começou quatro cursos, conseguindo terminar o último.

O preconceito racial aparece também como obstáculo, embora tenha sido colocado apenas por um dos pesquisados. Mesmo assim, prosseguiu nos estudos em outra escola.

Há uma dificuldade apresentada que é de cunho mais subjetivo: o pesquisado afirma que ficou muito tempo sem fazer curso universitário por acreditar que o curso de nível superior não era para ele, por não ter recursos financeiros e por ser negro.

São mencionadas ainda como dificuldades: gravidez no final do curso e problema psicológico associado ao problema financeiro.

Alguns dos professores entrevistados já fizeram cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização).

Os pesquisados entendem que o esforço valeu a pena, pois conseguiram ser professores e ocupar função de gestão na instituição escolar. A maioria, entretanto, quer mais: fazer mestrado, fazer doutorado, aprimorar conhecimentos em língua estrangeira, conhecer outras culturas.

Mas há alguns que já olham em outra direção: casamento, filhos e netos.

Para Elias, tanto a instituição familiar quanto a escolar exercem a função de educar para o autocontrole dos instintos, para a civilização.

À medida que as sociedades se modernizam multiplicando suas funções o controle social dos indivíduos tende a se deslocar da família, grupo primário, para outras instituições. Uma dessas instituições é a escola, um grupo secundário importante que visa preparar o indivíduo para o exercício das funções disponíveis na sociedade.

Essa diversidade de funções provoca nos indivíduos desejos de diferenciação entre si. Assim, a escola acaba se tornando para seus freqüentadores uma oportunidade para a individualização, pois possibilita inserção do indivíduo em outras teias de relações distanciadas das relações interdependentes no grupo familiar.

Na escola, como na família, há um conjunto de relações interdependentes. Ela se configura como um espaço de aprendizagem, não apenas dos conteúdos explícitos transmitidos, mas de construção de novas relações sociais. Nesse espaço grupos de amigos são forjados, conceitos e preconceitos são confrontados, ocorrem inclusões e exclusões, forjam-se subjetividades, reconstroem-se identidades coletivas (nós) e individuais (eu).

Durante sua demorada formação os pesquisados enfrentaram diversas dificuldades que variaram desde as econômicas até as de natureza psicológica, os preconceitos, as discriminações.

A importância da instituição escolar para a formação da identidade ganha importância crescente na modernidade, com o desenvolvimento social mais acentuado, a divisão técnica do trabalho e a multiplicação das funções na sociedade.

No caso dos pesquisados, todos os professores, lutaram para preencher uma função tida como importante na sociedade, que é a de transmitir conhecimentos para as gerações mais novas e assim contribuir para o seu processo de construção de identidade.

Embora todos os pesquisados sejam professores e ocupem função de gestores, a formação dos mesmos foi diferenciada. Há professores de letras (inglês e português), professores de geografia, de história, de filosofia, de xadrez, de matemática, de educação física. Além disso, alguns fizeram curso de pós-graduação.

Alguns destes professores querem ir mais longe. Pretendem fazer mestrado e doutorado. Isso pode significar um aprofundamento na individualização por meio da educação escolar e, ao mesmo tempo, outras possibilidades de crescimento profissional e de reconhecimento social, tanto para si, quanto para suas famílias e para o segmento social a que pertencem.

Esse querer ir mais longe expressa o desejo pessoal de se destacar dos outros, tem relação com a identidade-eu do indivíduo, embora o mesmo continue a referir-se aos grupos nos quais está inserido: a família, a comunidade, a instituição na qual trabalha.

Segundo Elias (1994a, p.118) esse desejo, embora possa parecer algo inerente à natureza humana, é fruto de aprendizagem social.

A construção de identidades pessoais, o desenvolvimento do “eu” foi gradativa na história da humanidade, e se desenvolveu à medida que as sociedades foram se tornando complexas.

Alguns desses professores, quando indagados sobre suas perspectivas e sonhos, apontam noutra direção: o casamento, os filhos e os netos. É como se já tivessem cumprido sua missão.

3. Exclusão:

Excluir, em sentido etimológico, significa não deixar entrar, rejeitar, afastar, eliminar, expulsar, pôr para fora, não admitir, omitir, privar da posse de alguma coisa. Estes sentidos são contemplados por Martins (1997) que prefere falar em processos de exclusão e de inclusão ou de re-inclusão.

Olhando dessa perspectiva, os pesquisados relatam processos de exclusão. Exclusões geográficas, verdadeiros êxodos: da região nordeste para a região sudeste e no interior da própria região sudeste, até chegar a Limeira. Há também o processo de saída da zona rural para a zona urbana ou do campo para a cidade.

Estes processos de exclusão têm como contrapartida a inclusão. A saída de um espaço tem como contraponto a entrada em outro.

Para os pesquisados a educação escolar aparece como um meio forte de inclusão.

Os pesquisados mostram que esses processos são carregados de dificuldades. No caminho são construídas relações com outros sujeitos, caracterizadas por concorrências, dando margem à explicitação de preconceitos contra o diferente, que é rotulado, discriminado.

Rotular alguém é colocar-lhe uma etiqueta. Discriminar é separar, dar a alguém um tratamento diferenciado em decorrência de características próprias deste ou em função de preconceitos. O preconceito é uma noção que se constrói sobre algo, fruto da imaginação, sem apoio em informações concretas.

Os pesquisados, em seus esforços de inclusão, narram situações de discriminação que viveram, presenciaram ou ouviram de outras pessoas.

Uma situação narrada por uma das pesquisadas ocorreu em uma escola. Ela conta que numa quarta série do Ensino Fundamental as crianças brancas recebiam beijinhos, mas o mesmo não ocorria com as crianças negras.

Ainda no espaço escolar, um dos entrevistados conta sobre a humilhação que sofreu um menino. Uma inspetora o chamou de macaco. Quando sua mãe foi reclamar a

inspetora repetiu o que havia dito e ficou por isso mesmo. Ou seja, nenhuma providência foi tomada.

Uma das pesquisadas narra que a discriminação racial foi uma das dificuldades que teve que enfrentar em sua trajetória educacional. Quando aluna do Ensino fundamental, ainda criança, era constantemente chamada de “negrinha” e “chocolatona”. Por causa disso não queria ir mais à escola. Essa escola era na cidade e ela morava na zona rural. A mãe a retirou da escola e a colocou em uma escola isolada mais próxima do local onde morava.

Um outro fato narrado mostra que um adolescente negro que fazia parte de um programa institucional de inclusão foi rejeitado por uma empresa. O motivo alegado: a diretoria não queria que mandassem negro para lá.

Um outro fato narrado mostra um caso que aconteceu na própria família. Trata-se do caso da vovó de origem italiana que foi discriminada pelo próprio pai. Isso ocorreu porque ela se unira conjugalmente a um negro empregado da fazenda da família. Em decorrência disso o pai deserdou a filha de sua herança. Ou seja, deu-lhe tratamento diferenciado, excluiu, expulsou-a tanto do rol dos herdeiros quanto da própria vida familiar.

Os dados coletados indicam que a discriminação nem sempre é por motivo racial. Um dos entrevistados alega que sofreu discriminação quando estava no ensino fundamental pelo fato de ser mais alto que os demais. Outro pesquisado diz ter sofrido discriminação por causa da religião, porém faz a ressalva, acrescentando que isso pode ter “relação com a etnia”.

Quanto à explicação do porquê da discriminação racial alguns pesquisados acreditam que os brancos vêem os negros como inferiores (preconceito). Por isso os discriminam e os excluem dos cargos que exigem maior responsabilidade. Outros vêem a discriminação como consequência da ignorância.

Essa discriminação ocorre, segundo, os dados, principalmente no mercado de trabalho. Mas aqui há uma ressalva feita por uma das pesquisadas. Ela alega que não sofre discriminação porque fez prova (concurso) e pode escolher em qual escola trabalhar.

Alguns pesquisados assumem uma postura mais militante em relação à questão da discriminação e da exclusão. Algumas falas, resumidas a seguir, retratam isso.

Há uma fala que diz que não dar oportunidade também é excluir. Excluir, nessa fala tem o sentido de omitir, privar de algo.

Alguns pesquisados fazem uma crítica à postura omissa de professores e da escola em relação às questões da exclusão e da discriminação. Segundo eles, o discurso de imparcialidade de alguns professores não contribui para o combate à discriminação, pois a mesma faz parte do cotidiano. Quanto à escola, no que diz respeito à discriminação e à exclusão, ela não estaria cumprindo seu papel de educar, mas contribuindo para deformar.

Outro pesquisado reconhece os esforços para combater a discriminação e a exclusão. Apesar de tudo isso, diz ela, a discriminação e a exclusão continuam.

Algumas falas reconhecem a importância do Movimento Negro e da política de ações afirmativas para a conquista da igualdade. Quanto à política de ações afirmativas há um pesquisado que faz uma ressalva: que ela não seja mais um fator de exclusão.

Algumas falas colocam a responsabilidade sobre o próprio negro quando enfatizam que todos devem lutar para conquistar espaços em todos os setores da sociedade, que não se deve deixar abater pelas dificuldades e ir em frente, e que negro não é sinônimo de incompetência. Ao se manifestarem dessa forma estão deixando bem claro que o esforço pessoal é um fator importante na luta contra a discriminação, contra a exclusão e pela inclusão.

Segundo Martins (1997), o processo de exclusão leva ao de inclusão. O problema é o tempo e qualidade dessa inclusão.

No caso específico dos afrodescendentes houve um processo recente de exclusão fruto de um processo estrutural, que é a abolição da escravatura.

A transformação das relações do sistema escravista em relações de trabalho de tipo capitalista não significou para os afrodescendentes sua inclusão imediata como assalariados no novo sistema. No caso do Brasil e, principalmente na região pesquisada, os imigrantes europeus, que também passavam por um processo de exclusão, ocuparam a maioria das funções criadas pelo novo sistema. Embora tenham chegado por último no país, chegaram primeiro nas novas relações de trabalho então gestadas.

Nesse primeiro momento, final do século XIX e início do século XX, tem-se então uma inclusão marginal dos ex-escravos. Os resultados das lutas por uma inclusão digna tem sido lenta.

Os pesquisados mostram em suas falas o quanto esse processo é complexo. Sem uma base econômica sólida na família, alguns indivíduos fazem trajetórias próprias para se incluírem e ocuparem funções na sociedade que lhe tragam garantia de sobrevivência e de reconhecimento social.

Segundo Elias (1994a, p.33), mais que seguir as tendências pessoais e naturais, cada vez mais, indivíduos buscam as instituições educacionais para se treinarem visando ocupar algumas das funções criadas pelas sociedades modernas.

O preconceito contra os afro-descendentes e a discriminação aparece como fatores que dificultam a inclusão, mas não são determinantes para impedi-la. Fatores objetivos, como políticas públicas universais e específicas, e fatores subjetivos, como a mobilização pessoal, aparecem como condicionantes para uma inclusão dignificante e o alcance de funções que signifiquem um avanço em relação a funções anteriormente exercidas.

4. Escravidão:

Ao falar do fato histórico da escravidão no Brasil que atingiu os ancestrais dos pesquisados é notório o envolvimento emocional dos mesmos. Manifestações de pesar, de mágoa, de revolta e até de raiva em relação ao segmento étnico que praticou a escravidão no Brasil, aparecem em algumas falas.

Quanto ao significado da escravidão para os pesquisados, podem-se destacar as seguintes assertivas: que a história dos negros é muito triste; que eles eram tratados como animais; que foi uma descaracterização do ser humano; que foi uma forma de acabar com o povo negro; que foi um massacre que durou quatrocentos anos e que ainda continua até os dias de hoje; que pode ser caracterizada como revoltante, desumana, agressiva, despersonalizadora e desumanizadora.

Alguns pesquisados afirmam que a escravidão ainda continua, porém de outra forma. Como vítimas dessa escravidão estariam os próprios negros, vítimas de preconceito e discriminação por causa de sua cor e sua cultura e as empregadas domésticas que são exploradas.

No tocante à reação do povo negro africano à escravização, um dos pesquisados afirma que ele resistiu fortemente.

Quanto às causas da escravidão são apresentadas duas posições. Uma posição coloca os portugueses como responsáveis. Eles teriam escravizado os negros por “egoísmo” e por serem “capitalistas”. Outra posição coloca a responsabilidade nos próprios africanos que escravizavam seus irmãos e os vendiam aos europeus e outros povos. Isso teria trazido “desrespeito à etnia e desvalorização do afro”.

Há uma pesquisada que diz odiar o assunto, embora dê palestra sobre o mesmo.

Quanto ao que fazer com a informação histórica, há duas falas que se completam: uma enfatiza a necessidade de se manter na memória a história da escravidão. A outra aponta para uma reconstrução histórica, um fazer diferente: “Foi muito ruim, mas nós temos que levantar a cabeça e saber que somos iguais a qualquer outra pessoa”.

Para Elias (1994a, p. 49-50), dentro de uma determinada rede social há indivíduos que têm mais poder de decidir e influenciar do que outros. O escravizado, embora ocupe

funções que o coloca diretamente sob o poder de outras pessoas, ocupando os estratos de menos poder social, detém certo poder de decisão individual. Porém, dentro de uma vasta rede social, o escravo é o que tem esse poder em menor quantidade.

Esse poder de decisão pode aparecer em forma de resistência, que é uma recusa ao exercício das funções e do lugar social que é imposto a alguém. Essa resistência pode ser explícita, explosiva, como numa revolta, numa rebelião ou numa fuga. Ou pode ser implícita, velada, como as várias formas de resistência cultural, através da religião, da dança, da música, da culinária.

Estratégias individuais e coletivas de resistência foram uma constante no tempo da escravidão. Os relatos históricos a respeito são abundantes. Ao resistir à escravidão, construindo alternativas ou formas de conviver com ela, os africanos e seus descendentes foram ao longo dos anos reconstruindo suas identidades tanto individuais quanto coletivas. Nessa reconstrução entraram materiais africanos e os encontrados na nova terra, notadamente, fornecidos pelo segmento europeu e indígena. Exemplo disso é o Quilombo dos Palmares – comunidade que abrigava ex-escravos fugidos da escravidão, brancos pobres, judeus e indígenas.

O poder de decisão dos escravos pode ser caracterizado como um poder divergente, contestado pelos grupos que oficialmente detinham maior poder de decisão. Daí a repressão, o castigo e a perseguição aos mais ousados. Trata-se de uma concorrência, de uma tentativa de deslocamento de poder social de um grupo a outro ou mesmo de determinados indivíduos para outros.

Nesse sentido, a luta dos negros de hoje, descendente dos africanos escravizados, são semelhantes àsquelas de seus antepassados. Hoje, como antes, há lutas a serem travadas, batalhas a serem vencidas, decisões a serem tomadas, poderes a serem conquistados.

A luta tem sentido a partir do momento em que se detecta uma situação de desigualdade na distribuição dos instrumentos de poder. Quando os pesquisados afirmam que a escravidão continua de uma outra forma podem estar ilustrando essa desigualdade no tocante ao poder social de cada indivíduo e de cada grupo que estão inseridos na presente configuração social.

5. Cultura:

As concepções de cultura subjacentes às falas dos pesquisados são variadas. Alguns deles associam cultura à educação escolar, ao nível de instrução, ao se referirem à família e aos pais como sem cultura ou sem estudos.

No tocante à alimentação, os pesquisados mencionaram alguns elementos culinários cultivados pela família: feijoada, tempero apimentado, comida forte, rabanada, língua, tapioca, cabrito, requeijão, farinha de biju.

No item música e dança foram mencionados o axé, o samba, a capoeira, forró, música clássica, rock e bailes sertanejos, “festa do peão”. Uma das pesquisadas alegou que desfila em Escola de Samba.

Quanto ao uso de roupas apareceram as seguintes declarações: roupas sociais no trabalho e “jeans” e blusa de lycra em outros ambientes. Um pesquisado alegou que só usa roupas simples, mesmo no trabalho, por opção pessoal. Outro pesquisado alegou que usa roupas esportivas no trabalho. Uma pesquisada justificou o uso da roupa social no trabalho: “Pelo fato de ser negra, as pessoas cobram muito”.

No tocante ao aspecto religioso, os pesquisados são em sua maioria cristãos, divididos entre católicos e evangélicos. Um dos pesquisados narrou sua experiência na Umbanda e no Candomblé, religiões que têm fortes raízes na Tradição Cultural Africana. Depois de um certo tempo, porém, converteu-se a uma religião evangélica, talvez, segundo ele, por influência da família, justifica. Outro pesquisado alega conhecer a religião dos antepassados, respeitá-la, mas não a pratica. Há um pesquisado que menciona ter sido vítima de preconceito por causa da religião, mas não menciona qual.

Pelo menos dois pesquisados católicos afirmaram terem participado de “missas afro”. Observando-se essas “missas”, percebe-se que se trata de um culto de rito romano, comum a toda a Igreja Católica ocidental, com inserção de elementos das culturas religiosas africanas, como vestimentas típicas, uso de instrumentos de percussão utilizados em religiões de raiz africana e danças rituais. Essas missas, segundo uma das pesquisadas, valoriza o negro.

Um dos pesquisados disse que gosta de estudar todas as religiões. Ultimamente tem se dedicado ao estudo de religiões orientais, particularmente o Hari Krishna.

Quanto à tradição oral, uma dos entrevistados alega que seu pai contava as histórias, os “causos”, mas não “passava” as tradições. O conhecimento que tem a respeito da cultura africana foi devido a uma busca pessoal. Mas tudo que sabe, procura socializar com as filhas. Um dos pesquisados afirmou sobre si mesmo e sua família que acreditam em lobisomem e contam estórias para as crianças: mula sem cabeça, saci pererê, besta fera e chapeuzinho vermelho.

Quanto às habilidades pessoais dos pesquisados foram registradas as seguintes: tocar violino, pintura em tela, pintura a óleo, arte culinária, dança, atriz de teatro, costureira, informática, cabeleireiro, confeitoiro, manicure e pedicure.

Há algumas falas sobre a cultura africana que mostram como os pesquisados a vêem. Um deles afirma que a África tem uma cultura diversificada e rica. A África, apesar das dificuldades, continua, segundo essa fala, valorizando suas culturas. Outro pesquisado lamenta o desconhecimento sobre essa cultura, sobre a própria África e sobre os antepassados.

Outros pesquisados registram o fato dos pais desconhecerem e não cultivarem a cultura da própria etnia. Por outro lado, há aqueles pesquisados que vêem o movimento negro como uma instituição que contribui para a valorização e o conhecimento da cultura africana.

Os dados coletados mostram que os gestores escolares negros cultivam (*kultiviert*) elementos culturais de diversas fontes. A seleção desses elementos se deu a partir da participação na rede familiar, na rede escolar e em outras redes da sociedade brasileira, com vistas a garantir sua sobrevivência material e social. As falas dos pesquisados mostram, entretanto, um desejo de conhecer um pouco mais a cultura (*Kultur e Kulturell*) de seus ancestrais africanos. Esse conhecimento pode ou não resultar em novas composições culturais, em novas realizações e até em alteração da auto-imagem dos descendentes de africanos no Brasil.

A fala de alguns pesquisados mostra também alguns aspectos que os aproxima da visão multiculturalista. Elementos como o RAP, roupas típicas, missa afro, umbanda e candomblé, ligação com o movimento negro, são indícios de uma resistência ao modelo cultural dominante. Trata-se de uma identidade de resistência.

Os dados pesquisados permitem afirmar ainda que os gestores escolares negros pesquisados convivem numa ambiente multicultural e dele selecionam elementos de origens variadas. A mestiçagem cultural e o “sincretismo” se fazem presente na medida em que o saber letrado é combinado com uma perspectiva simbólica, no caso desta pesquisa, na maioria das vezes, de origem religiosa, sendo que o sujeito atua no processo atribuindo ou reconstruindo significados.

6. Gestão Escolar:

Gerir, administrar, dirigir, coordenar. Gerenciamento, gestão, administração, coordenação. Todos estes termos guardam relação entre si quando se referem à instituição escolar.

Segundo Libâneo (2004, p.101), gestão é um tipo de atividade que mobiliza meios para se atingir os objetivos da organização, no caso, da escola. A direção é princípio e atributo da gestão. É através dela que são canalizados os trabalhos conjuntos das pessoas para que os objetivos da organização sejam alcançados. Já a coordenação é um aspecto da direção, responsável por articular e fazer convergir os esforços de cada integrante do grupo.

No grupo pesquisado predominaram as funções de coordenação: coordenação pedagógica e coordenação do Programa Escola da Família.

Informações do site oficial do governo do Estado de São Paulo (www.educacao.sp.gov.br) mostram que o Programa Escola da Família é uma política pública do governo do Estado de São Paulo. Teve início na atual gestão (2003-2006) e consiste na concessão de bolsas de estudos para universitários de baixa renda. Como contrapartida, esses universitários prestam serviço comunitário nas escolas públicas estaduais, num total de dezesseis horas. Eles desenvolvem atividades acadêmicas e lúdicas com pessoas da comunidade, principalmente nos finais de semana.

A gestão local dessa política é da Diretoria de Ensino e da direção da escola, que por sua vez, designa um “Educador Profissional” para coordenar os universitários bolsistas em suas atividades com a comunidade do entorno da escola.

A trajetória dos pesquisados, eivada de dificuldades, foi um verdadeiro treino para o exercício de suas funções atuais de gestão. Traçados os objetivos que queriam atingir tiveram que mobilizar recursos materiais e humanos para alcançá-los. Enfrentaram muitas dificuldades, mas conseguiram o que queriam: concluir um ou mais cursos universitários, ser professor, tornar-se gestor escolar. Neste sentido, mesmo antes de entrarem no espaço escolar como professores e gestores tiveram que fazer uma gestão de suas próprias vidas e trajetórias para que os objetivos almejados não ficassem apenas no sonho.

Para se tornar e se manter gestor escolar foi e é preciso muito empenho por parte dos pesquisados: disciplina, muita leitura, muito trabalho enquanto docente, elaboração e aprovação de projetos, competência e habilidades, participação de concurso, luta contra o preconceito e convite.

Quanto à concepção de gestão algumas falas dos pesquisados podem fornecer algumas pistas.

Uma entrevistada afirma que é muito exigente consigo mesma e que se relaciona bem com os professores e todos os profissionais.

Outra pesquisada vê em seu trabalho a possibilidade de mostrar a forma diferenciada como trabalhava em sala de aula, já que foi essa experiência que teria despertado a atenção da direção e gerado a sua indicação para a nova função. Frisa que sua cor não atrapalhou, prevaleceram sua competência e sua habilidade. Fala ainda com orgulho sobre o fato de sua permanência na coordenação ser sempre votada pelos colegas.

Uma outra pesquisada fala que a descontração e a boa relação com os alunos fizeram com que ela fosse escolhida pela direção para a função de coordenadora.

Há um pesquisado que se detém de forma mais longa sobre o tema da gestão focalizando sua relação com a direção e com os universitários sobre sua coordenação.

Em relação à direção (o gestor) afirma que as relações são de amizade e respeito: “um não toma decisões sem falar com o outro”. Afirma ainda que aprendeu muito com o gestor, pessoa de muita experiência escolar.

Seu relacionamento com os demais membros do programa (universitários) é de desconcentração e abertura.

Alega, ainda que gosta de dar o exemplo, de tomar a iniciativa. Não gosta de ficar só mandando os outros fazerem, é “pau para toda obra”. Não gosta de ficar cobrando, embora reconheça que às vezes é preciso cobrar, senão o trabalho corre o risco de não ser feito.

Alguns pesquisados querem ir mais longe dentro da gestão: um pesquisado disse que pretende chegar à direção escolar; o outro tem a pretensão de chegar à supervisão escolar.

Olhando os dados a partir do pensamento de Elias, (1994a, p. 58-59; 120-121) primeiramente é possível dizer que certos resultados, certos desdobramentos históricos não

são fruto de planejamento ou de estratégias cuidadosamente elaboradas. É a estrutura das relações humanas que geram a necessidade de determinadas funções. Em determinado momento estas funções se encontraram com desejos e projetos pessoais. Este encontro gera concorrência desde que o número de indivíduos com desejos e projetos pessoais seja superior ao número de funções disponíveis.

Os sujeitos pesquisados, com muito esforço pessoal, conseguiram realizar curso ou cursos de nível universitário. Com isso adquiriram saberes de várias áreas: língua portuguesa, língua inglesa, matemática, geografia, história, educação física, xadrez. Tornaram-se professores. Mas em momento algum afirmaram que haviam planejado chegar ao exercício de alguma função de gestão. Isso ocorreu por estarem integrados numa rede de funções interdependentes. As formas de escolha variaram. São mencionados o convite e o concurso, formas de escolha que não contaram com a participação de todos os integrantes da rede. Uma das pesquisadas, entretanto, explicita a participação dos integrantes da rede na sua continuação na função.

Um outro aspecto a ser considerado é o fato de que num grupo o exercício de função de gestão, além de trazer uma satisfação para aquele que foi o escolhido, tem que contemplar também as necessidades do conjunto das pessoas. Assim, embora se destaque dos demais membros da rede, esta acaba por exercer certo controle sobre o escolhido, apresentando, direta ou indiretamente manifestações de apoio à sua gestão.

A forma de condução de gestão, portanto, deve corresponder às expectativas e necessidades do grupo. Isso significa que o gestor precisa ter muito autocontrole (ser exigente consigo mesmo) para poder equilibrar-se entre o “eu” e o “nós”, entre o individual e o coletivo. Dessa forma, gestos de amizade e de respeito e a descontração podem perfeitamente combinar com certa cobrança do gestor em relação aos membros do grupo, desde que isso seja expectativa do próprio grupo.

Terceira parte: Transcrição dos dados pesquisados

Os dados pesquisados estão inseridos em doze entrevistas que foram todas gravadas e transcritas. Os nomes dos sujeitos pesquisados foram alterados para evitar exposição e constrangimento dos mesmos.

Procurei, na medida do possível, propor algumas categorias para organizar a coleta dos dados. Essas categorias não foram absolutas, ficando a critério dos pesquisados falar a partir das mesmas ou de outras que entendessem mais adequadas.

Entrevista número 1

Meu nome é Ana. Não tem nenhum problema revelar a pesquisa. Quanto ao sobrenome, Alves é de meu pai e Ferreira do meu marido. Não conheço muito bem a história de meu sobrenome, até porque meu pai foi adotado por uma família da qual recebeu este sobrenome.

Quem sou eu? Hum... Não vou nem dizer o que acho disso tudo, mas sou uma pessoa batalhadora e gosto muito de mim mesma, gosto de batalhar. Ganho pouco, mas o que tenho foi com muita luta e força de vontade. Sou uma pessoa que antes de tudo me curto, gosto do que faço. Sou uma pessoa feliz.

Vim do interior do Estado de São Paulo, uma cidade chamada Adamantina. Vim de lá, nasci lá e vim para cá com seis anos. Então, eu tenho recordações de lá. É pouca, mas, convivi mesmo aqui em Limeira.

Olha, eu vim de uma família muito humilde, uma família que não tem nenhuma cultura, vamos dizer assim, não teve muito estudo, um pessoal assim bem humilde, lavradores, empregada doméstica. Então eu não tenho muita coisa para dizer.

Agora, para onde eu vou? Realmente eu tenho algumas expectativas. Não sei se... Na verdade eu não sei quando, mas eu gostaria de... Em questão de cidade não penso em mudar, tenho algumas ambições na vida eu gostaria de concretizar, vamos dizer assim, um sonho que ainda falta para mim. Sempre quis ser intérprete e tradutora, e ainda não consegui. Tenho meio

caminho andado, porque eu fiz Letras, dou aulas de Inglês. Acho que alguma coisa eu tenho para conseguir isso, mas falta muito ainda. E agora, cada vez mais fica difícil devido ao casamento. Eu tenho uma filha e a gente não sabe. Nós temos expectativas, mas essas expectativas... Mas quando as expectativas vão, aí a gente tem que batalhar mais ainda, e hoje em dia não é algo que depende só de mim, eu tenho que... Pelo menos em curto prazo, em longo prazo pode até ser (Sic). Ai vem a questão financeira que pesa também. Na medida em que você tem uma família, ela pesa. Olha, para chegar ao curso de Letras foram vários dias de lágrimas, foi muito difícil, não tinha condições nenhuma para chegar à faculdade. Minha mãe era doméstica e meu pai, servente de pedreiro, e é até hoje. E foi assim: um mês eu pagava a faculdade e no outro fazia compra para dentro de casa, até conseguir a bolsa da prefeitura. E quando vinha a bolsa já estava tudo estourado, já estava tudo vencido, mas eu faria tudo de novo com o mesmo sacrifício porque se eu não tivesse feito e derramado lágrimas, que foi assim mesmo, os três anos foram muito difíceis eu não tenho saudade, porque foi uma época de minha vida muito difícil, porque é duro mesmo. Já pensou o mês que você não colocava compras dentro de casa para poder pagar a faculdade? Era complicado. Eu tinha que ajudar e a minha parte fazia muita falta. Inclusive nessa época eu tinha irmãos desempregados. Eu trabalhava, mas era muito difícil. Meus irmãos viam a faculdade como mais um gasto sem uma perspectiva de melhora, sabe? Naquele momento assim, as pessoas só pensam assim: tem que comer, tem que ajudar. Isso aumentava mais o meu tormento, vamos dizer assim. Você tinha que tirar praticamente da boca para fazer outra coisa. Mas eu tenho certeza, foi válido e faria tudo de novo. Estudei na escola privada e paguei os três anos e desde o ensino fundamental, eu fiz antes, de primeira a quarta, fui à creche, pois lá minha mãe nos deixava (eu e meus irmãos). Eu fiquei só um ano. Eles ficaram mais, pois meus irmãos eram todos mais novos. Até o colegial foi só em escola pública. Mas eu acho que pelo tempo que estudei não me impossibilitou, não foi assim algo ruim para mim. Sempre fui uma aluna dedicada até a oitava série, uma boa aluna. No colegial fiz um curso que não me agradou muito, Química. Devido a isso caiu um pouco meu rendimento. Na faculdade minha dedicação voltou porque escolhi o curso que eu queria. Como sempre, fui dedicada aos meus estudos na rede pública. Não teve assim nenhum problema ter estudado na rede pública, foi bom para o meu crescimento, foi aí que eu tive mais força ainda.

Mesmo fazendo uma faculdade paga eu acho que tive mais força ainda para lutar e batalhar. E a gente sabe que em questão de material hoje em dia é muita coisa, e a gente tem que correr atrás. Eu acho que na verdade eu até sofri preconceito, como eu vinha de uma família

muito carente eu não tinha dinheiro para pagar a faculdade, lá eles faziam assim, eu até fazia as provas, mas não tinha acesso às notas. Isso não era assim em relação à cor, era simplesmente uma questão financeira, não pagava, não via as notas. Você fazia as provas normalmente, todos sabiam suas notas e você não via as suas. Era chato é deprimente e você ficava frustrado. Várias vezes eu chorava, porque pensava assim: nem sei como foi meu desempenho na prova e só quando eu pagava é que eu podia saber. Não digo que foi por causa de cor porque isso era com todos os alunos da faculdade, mas a diferença econômica isso você pode ter certeza que sim. Eu acho que no meu caso vem de uma, vamos dizer assim desestrutura, porque venho de uma família descendente Afro, somos afro-brasileiros, meu pai e minha mãe. Então eu acho que, como eles não tiveram acesso à escola, a escolaridade deles foi muito reduzida, meu pai mesmo só sabe assinar o nome. Tudo contribui para que a gente também não tenha muito sucesso. Parece que não, mas às vezes o filho do carpinteiro que só vê aquela profissão, ele não vê outra. Não estou generalizando porque não foi o meu caso, mas até realmente de empregada doméstica tive que trabalhar pra terminar minha faculdade. Não tenho vergonha de dizer. Sabe, toda profissão é bem vinda e a gente tem que trabalhar mesmo.

Meu nome é Ana. O sobrenome herdado do pai é Alves. O sobrenome herdado do marido é Ferreira.

Na realidade, do meu pai eu só conheço ele mesmo. Nós não sabemos mais, pois ele foi adotado aos dois anos de idade. Na realidade ele foi deixado, a mãe dele o deixou aos dois anos de idade e foi com dois filhos gêmeos menores embora, dizendo para a vizinha que ia voltar para buscá-lo e até hoje ele não conhece os pais. Então, da parte do meu pai eu conheci minha avó adotiva que era descendente de italiano. Mas ela faleceu há cinco anos. Os meus tios adotivos são todos brancos. Então só conheço dele mesmo só os irmãos biológicos e nem ele conhece, mas acredito que seja de origem bem pobre, porque para a mãe deixar o filho e nunca mais voltar, só podia ser pobre. Talvez uma pobreza junto com a fraqueza da mãe, e isso fez com que a gente não soubesse de nosso passado. Da parte de minha mãe eu sei um pouco. Meu avô era afro-brasileiro, minha avó era branca, então foi uma junção negro com branca. Agora do meu pai, os dois pais dele com certeza eram negros.

Quanto aos meus antepassados sei que meu pai é negro, mas é limitado o seu passado. Não sabemos dos antepassados. Eu conheci pouco porque meus avós já faleceram. Eles

moravam na cidade em que nasci, vim de lá aos seis anos de idade e depois fui uma ou duas vezes visitá-los.

Quanto a minha mãe, a gente sabe o que ela contava, que são de origem humilde, pessoas que trabalhavam na roça. Minha avó nunca trabalhou porque meu avô nunca deixou. Eu tenho muitos tios, no total é dezoito, uma família numerosa, de sítio, a maioria deles prosperou, todos casaram, mas levam uma vida humilde. Fora eu que fiz faculdade uma prima também fez e o curso foi Letras. Só. Dos dezoito filhos, só doze sobreviveram e tenho um monte de primos, mas só uma fez a faculdade também. Então você vê o quanto é difícil e isso retrata a dificuldade de um passado sofrido que foi o passado dos negros e eu acho que é preciso fazer algo que facilite a vida dos negros, pois a destruição do passado foi muito grande.

Minha família não cultivava cultura da etnia. As roupas que usamos são comuns, roupas que todos usam, eu vejo que têm muitas roupas afro-brasileiras. A gente sabe bem diferenciar. A gente olha assim e diz que são africanizadas. Agente não tem esse costume, são roupas comuns, vamos dizer assim, nós não temos nada assim a não ser a feijoada que eu acho que todos os brasileiros comem. Não tem mais nada que lembre infelizmente, mas a música que gosto é samba, axé, a capoeira que eu gosto Tenho amigos que dançam capoeira e acho maravilhoso, muito bom, mas eu gosto de ver. Praticar mesmo, nunca pratiquei.

No tocante à educação é o seguinte. Como já disse anteriormente, acho que a educação começa em casa e minha mãe soube dá-la muito bem para todos nós.

Eu ainda não cheguei, ainda tenho algumas ansiedades, alguma coisa em mente, tenho certeza que não vou parar por aqui a não ser que a gente morra, porque senão eu tenho certeza que vou continuar; estou dando um tempo nos estudos, minha filhinha tem dez meses e ela precisa muito de mim, mas daqui a uns dois anos eu pretendo fazer uma pós, pretendo continuar meus estudos. Eu quero dar essa educação a minha filha, quero que ela se orgulhe de ser uma afro-brasileira. Isso com certeza a gente não pode deixar morrer. Essa coisa de descendência eu me orgulho. Aquela coisa do pessoal dizer: você é morena, não tem essa de morena. Eu acho que quando as pessoas falam isso elas estão tentando amenizar, porque se disser que é negro acham que estão xingando as pessoas, mas isso é chato. Eu vejo isso como um preconceito contra o negro. As pessoas dizem: você é uma morena bonita, porque não podem dizer que sou uma negra bonita? Um negro não pode ser bonito? A gente vê que nosso padrão de beleza é o padrão do branco, a estética, mas têm muitos negros bonitos. Isso quero ensinar para

minha filha: que ela é negra e bonita, para que não sofra. Acho que não podemos ficar nos escondendo, tentando ser o que a gente não é (branca) e tentando clarear não só a pele, mas tudo. E isso é um ponto negativo para pessoa que é negra, que é descendente. A gente tem que ser o que é, sempre tentar melhorar, sempre tentar coisas novas, coisas boas para gente. Tem gente que se acomoda e esse é o problema do negro. Ele vem de uma família humilde, um discurso rotineiro, preconceituoso, a mesma coisa de sempre, e graças a Deus não tenho nada disso, nada. A pessoa fala, tenho certeza que também fala sobre o mesmo assunto. Posso chegar lá, sei que não sou menos que ninguém, também não sou mais. Eu falo sempre para meus alunos: eu não sou melhor que vocês por ser professor, eu apenas aprendi antes, vocês podem chegar lá e aprender muito, mais que eu. Esse é o incentivo que a gente dá enquanto professor para os alunos. Acho que é isso aí. Temos que estar sempre buscando melhorar nossa vida. Porque eu acho que o negro, ele tem que ser feliz, a história do negro é tão triste que temos que fazer uma história diferente agora. Vamos precisar de mais quinhentos anos, mas com a cabeça da pessoa que está aí, vai quinhentos, vão mil anos e eles só vão pensar na escravidão. Foi muito ruim, mas nós temos que levantar a cabeça e saber que somos iguais a qualquer outra pessoa.

Chega! Tem que mudar.

Em relação às habilidades, é incrível. Pode não ter nada a ver, mas eu gosto de cozinhar. Adoro receber meus amigos em casa e apesar de gostar de churrasco, gosto muito de cozinhar. Gosto que meus amigos venham a minha casa e gosto de fazer um jantar ou almoço, ir para a cozinha. Quando sei que um amigo vem, então eu gosto de fazer. Gosto de ler. Como professora de português eu tenho que ler sempre vários assuntos. Nas reuniões eu aprendi que o bom leitor não é aquele que lê todos os assuntos, mas aquele que lê sempre coisas que gosta, mas tem que ler. Leitura é um exercício e tem que praticar. Como coordenadora nem sempre leio o que gosto, mas tenho que estar sempre lendo. A gente tem que correr atrás, não é fácil falar da gente, mas gosto de ir ao cinema, ficar em casa, cozinhar, assistir filme em casa, aos finais de semana. Eu, meu marido e minha neném saímos muito, nunca ficamos em casa.

A respeito do aspecto religioso, sou católica desde criança e pratico sempre. Sou, inclusive, Ministra da Eucaristia da Igreja Menino Jesus. Na minha família, que eu saiba, não tem ninguém que pratica ou já praticou a religião afro. Acho que ninguém procurou saber, mas eu tenho curiosidade de saber para pelo menos falar alguma coisa, discutir. Mas não sei, acho que a

gente procura muito aquilo que está muito na cara da gente. Acho que realmente sou ignorante no assunto.

Sobre as amizades. Eu tenho muitos amigos, principalmente da igreja. Eu faço muitos amigos gosto de conversar, de passear, então a minha vida social não vou dizer que seja rotineira, porque eu saio muito. Eu vou a festas. Agora, não vou dizer que vou muito ao teatro ao cinema, porque minha menina é pequena ainda e eu tenho que deixar com alguém. Mesmo grávida eu ia muito, eu gosto de passear, não vou dizer viagens, que ainda não, por causa da parte financeira. Tenho ainda que fazer muitas coisas. Para pagar minha casa comprei meu carro e o vendi. Comprei a casa, agora quero o carro de novo. Sabe, é sempre assim: muitos gastos e na verdade viagens é o que fica sempre faltando, é o que eu gostaria muito de fazer, porque até o momento eu não conheço quase nada.

Gostava muito de bailes, mas bem antes de casar deixei de ir. Carnaval também não gosto. Já fui, mas gosto da minha vida mais calma. Não gosto muito de barulho.

As roupas que uso são aquelas do dia a dia: são o jeans e a blusinha. Roupas de passeio é mais social para diferenciar um pouco da semana. Calçado é tudo baixinho. Assessorios, hoje em dia tudo pequeno, discreto e bem calmo.

Vejo a África como um país muito pobre, mas com certeza tem uma cultura enorme, eu mesma não conheço sua cultura e seus costumes. É um país que eu até gostaria de conhecer para ver como foram nossos antepassados e como vivem hoje. Sabe, vejo a África somente pela televisão, só o que estudei na escola, que é um país pobre. Então a gente vê aquelas entrevistas e não é muito agradável. Eu não sei qual é a parte boa de lá, realmente eu não sei, mas com certeza deve ter suas riquezas, deve ser um país rico em alguma coisa. Ainda não sei, mas eu gostaria muito de conhecer. É como eu falei para você, a gente só se preocupa com o que está diante de nossos olhos, o que não está na cara vai passando. Não tenho procurado conhecer melhor.

A escravidão é assunto que acho muito dramático. Muito horrível. Acho que tudo o que aconteceu só pode ter acontecido, acho que o país que ainda não tinha identidade nenhuma, até então não existiam brasileiros, eram os portugueses. Acho que era um povo muito egoísta, muito capitalista. Houve uma descaracterização do ser humano, porque os negros eram tratados como animais. Os portugueses nem sabiam que os negros pensavam, mas eles não queriam... Sabe que tem uma história da manga com leite, você conhece?

A discriminação há até hoje. Muitos brancos acham ainda a raça negra inferior, pode ter certeza. Eu vejo que se isso não acontecesse o desemprego da raça negra não seria em grande proporção. Tenho certeza que ainda há. Eu, graças a Deus escolhi uma profissão que não tem como haver discriminação, entre aspas, né! Para se chegar a ela tem que somar os pontos de aula no Estado e ninguém vai à sua frente. Tem que ter experiência e mostrar seu conhecimento. Prestei uma prova e passei como muitos e posso escolher a escola para trabalhar. Mas têm muitas profissões que o negro não chega. Sei, porque tenho amigas que trabalham e não sobem de cargo, porque são negras. Elas não têm como subir.

A exclusão do negro a gente vê num cargo que tem que ter maior responsabilidade. A pessoa vê bem e o negro é excluído desses cargos. Com certeza ela vê bem quem ela contrata, talvez para... Sei lá... Podem pensar que ele vai fazer feio lá fora. São poucos cargos que há negros contratados.

Quanto ao movimento negro acho muito interessante, tem muita gente que precisa conhecer, eu mesma preciso. Nem mesmo o negro conhece sua cultura e seus antepassados como é o meu caso. Então eu acho interessante o movimento negro. Tem muita gente que vai e gosta. Já ouvi falar muito bem. Inclusive tem dança, né! Algo que eu gostaria de conhecer também. Só vi até hoje uma missa afro com o padre Lázaro na minha comunidade. Inclusive ele se veste com aquele gorrinho que não sei como chama, a vestimenta dele, a túnica é afro, então eu acho bonito porque valoriza, ele é padre, se veste como negro e valoriza o negro e eu acho bom. Acho que todas as religiões têm que valorizar mesmo.

Eu acho que avançou, principalmente naquele feriado, apesar das pessoas não respeitarem. Todo dia vinte de novembro tem um monte de branco torcendo o nariz, dizendo: “para que esse feriado?”. A gente fica meio frustrada e pensa: puxa vida, essa pessoa não tem ninguém que sentiu na pele, ninguém do passado dela. Mas eu acho que como ser humano tem que entender que um outro ser humano, aquele que passou privações tem que ser homenageado tem que ter um dia para ser homenageado. A gente homenageia tantas outras coisas, não é mesmo? Eu acho interessante isso. Acho que avançou, acho que o movimento tenta minimizar a desigualdade e isso é bom.

Olha, eu posso dizer assim, que posso me resumir numa pessoa sonhadora, luto pelos meus objetivos, minha filha ontem disse uma coisa que me deixou muito contente: mamãe

quero ser como você. A Ana é isso muito persistente. O que eu acho que vai ser bom para mim e minha família eu busco com persistência.

Entrevista número 2

Beatriz. Nasci em Rio Claro e fui registrada em Cordeirópolis. Quando nasci não havia maternidade em Cordeirópolis e fomos para Rio Claro, sempre morei aqui na região. Meu pai é de Paraíso, Minas Gerais. Minha mãe é de uma cidade que não tem mais esse nome, Santa Rosa de Viterio, que agora é Itaturama, interior de São Paulo.

Meu pai morava no sítio. Minha mãe também. Minha família é uma família que foi criada em fazendas trabalhando para outras pessoas, de origem humilde. Depois, assim, em minha fase de escola, que eu me lembro, fiquei dez anos nesse sitio. Meu pai trabalhava numa firma no próprio sítio. Minha mãe, no começo trabalhava também. Era trabalhadora rural e eu ficava em casa cuidando dos meus irmãos. Mas eu fiquei muito tempo de minha vida no sítio. Fiquei casada por quatorze anos. Faz quatro anos que me separei e vivo com minhas duas filhas, uma de quatorze e outra de doze anos.

Olha, eu tenho algumas ambições, como eu disse para você, eu tenho insistido. Tenho esses estudos e também estudo o racismo na escola. Tenho o objetivo muito grande de fazer o mestrado, não sei se vai ser dessa vez, mas estou montando meu projeto. Não sei se vai ser dessa vez ou se vai demorar.

Como profissional eu me sinto realizada. Porque eu acho que estou na linha que tenho que estar mesmo. É o que quero fazer mesmo. Mas eu quero ainda chegar ao mestrado. Sempre falo para uma amiga minha que quero trabalhar na CEMPE, que é Coordenadoria de Ensino de Mapas Pedagógicos, em São Paulo. Gosto muito de trabalhar com projetos. Então, meu objetivo é chegar lá.

Meu avô materno era branco e meu avô paterno era filho de escravos. Ele morreu com um desejo muito grande de conhecer a mãe, porque quando ele nasceu ela morava ainda na senzala. Depois, assim, ele só sabia que o primeiro nome dela era Maria Rosa, tentou, mas nunca mais a encontrou. Minha mãe, por sua vez, era filha de índio, então tem essa mistura aí. E eu venho dessa origem, minhas filhas, eu casei com homem negro, que na família tinha misturas italianas com espanhol, têm aí nossas filhas, essas misturas. Um caldeirão muito grande e uma colcha de retalhos.

Minha avó, que na verdade não era minha avó, pois quando se casou com o pai do meu pai ela já era viúva, tinha cinco e meu avô tinha seis filhos e depois tiveram mais alguns filhos. Eu sempre fui muito ligada a ela, até minha mãe sentia um pouco de ciúme, mas minha avó era uma pessoa de muito valor.

A questão da cultura, enquanto eu era criança e adolescente, meus pais nunca trabalharam esta questão. Mas eu faço isso com minhas filhas, hoje. O que meu pai conta muito são as histórias os “causos”, mas assim de passar as tradições de família nunca foi passado e alguma coisa que a gente ficou sabendo foi depois que a gente começou a estudar começou a se perguntar e começou a buscar esse conhecimento. Mas muita coisa já se perdeu, pois não têm mais pessoas vivas que possam contar. O que eu sei de meu povo eu passo para minhas filhas para que elas possam conhecer.

Olha, eu comecei a estudar aqui em Limeira na EE. Professor Nestor Martins Lino quando ainda tinha o curso pré-escolar no Estado. Só que era assim: tinha um menino na turma que me chamava o tempo todo de negrinha e aquilo ia cansando muito. Minha mãe me levava para a escola e quando ela chegava em casa eu já estava atrás dela. Não queria ficar na escola, fugia da escola e não queria ficar lá, só que eu não falava o porquê. Aí ela me fazia voltar para lá, até que eu tive que contar. Aí a professora conversou com o menino que eu falei que estava cansada que o menino me chamava de negrinha e os outros ficavam rindo e eu não queria mais ir à escola. Naquele dia a professora fez um discurso bonito sobre a questão da igualdade e aquilo valeu muito para mim. Hoje em dia eu sei que é uma teoria furada essa coisa da igualdade, nós não somos iguais. É através da diferença que nós somos despertados. Estudei e depois fui para o sítio estudar em escola isolada, uma sala grande, cada fileira era uma série. Professora tinha que cuidar de todos e fazer a merenda. Na hora da merenda ela falava: cadê aquela menina que sabe cozinhar para me ajudar? Era eu. Depois fui para o SESI 408. Eu me sentia perdida porque era imenso. Eu me sentia uma formiguinha lá dentro. Hoje vejo que não é tão grande assim. Lá também tive problemas, sempre me chamavam de negrinha. Tinha um menino que me chamava de “chocolatona” o tempo todo. Eu vinha do sítio e minha mãe me vestia diferente, colocava aquela roupa comprida, chegava aqui e via que as meninas se vestiam de maneira diferente. Às vezes eu ia ao banheiro e enrolava a saia para ficar mais curta e ficar igual. Uma coisa que me marcou muito: hoje a gente vê todo mundo com tênis de marca no pé, e a gente usava a conga vermelhinha. Quando ficava apertadinha a gente cortava o bico para usar mais um pouco.

Lembro que quando ganhei um bamba (tênis), fiquei maravilhada e foi nessa fase que fiquei perseverante. Eu queria desfilar no dia sete de setembro e não tinha condições. Vim até a cidade pedir para a patroa de meu pai e ela mandou tirar as minhas medidas e de minha irmã e providenciou tudo que precisávamos para o desfile.

Estudava na cidade e andava de seis a sete quilômetros, depois colhia algodão. Então eu trabalhava de manhã e estudava à tarde.

Foi uma época de muita privação. Eu lembro que na época de formatura tinha que levar um prato de brigadeiro para vender e eu nem sabia o que era. Vi pela televisão, nem minha mãe sabia fazer. Uma vizinha a ajudou a fazer, deu um para cada um de meus irmãos e andamos sete quilômetros com o prato na mão e na hora do intervalo, vendemos e não tivemos o dinheiro para comprar e experimentar. Foi uma tortura. Aí passou a formatura.

Fiquei um ano sem estudar. Nesse período que fiquei sem estudar eu trabalhei como doméstica e como cobradora. Depois queria estudar, arrumei um emprego numa fábrica de carrinho, menti que sabia costurar e marcaram o teste para o dia seguinte. Fui a uma vizinha e pedi para que me ensinasse. Passei o dia aprendendo a costurar. Fiz o teste no dia seguinte e passei. Depois entrei no magistério. Minha filha queria trabalhar. Eu disse que ela tem potencial para uma escola pública e que ela tem que estudar para isso. Fiquei nessa fábrica por dois anos e meio, fui trabalhar numa outra fábrica que ia pagar mais, fiquei por seis meses, pois apareceu uma oportunidade de monitora educacional. Como era na área abracei. Começaram a aparecer algumas aulas. E aí não parei mais.

Passei um tempo sem estudar, prestei vestibular, passei e era tudo pago. Logo que terminei o magistério, me casei, houve uns problemas e por causa deles quase tive que parar os estudos. Depois de um ano e meio engravidei e precisei parar porque tive problemas, tranquei a matrícula, fiquei parada um tempão. Quando Teve o PEC entrei nessa turma, fiz um ano e meio e me formei pela USP/92. Agora quero fazer mestrado. O que está me segurando é que não sei inglês, mas vou tentar na UNICAMP. A minha educação se resume nisso.

Sempre trabalhei no magistério, exceto até o momento que relatei anteriormente. Esse ano completo dezoito anos. Fiquei 17 anos na sala de aula como professora do ensino fundamental e fez um ano em julho que assumi o cargo de coordenadora. Prestei o concurso e

fiquei em dúvida se assumia ou não. Aí fui, estou gostando. Sou uma pessoa muito exigente comigo mesma, me relaciono bem com os professores e todos os profissionais.

Já participei de grupo de teatro. Minha habilidade se resume nisso mesmo, a questão da costura, só. Não sei fazer nada de esporte, nadar...

Sou católica. Já frequentei muito. Quando estava estudando eu entrei num conflito muito grande, pesquisando minha monografia, e aí você começa a ler e vê coisas que a igreja fez em nome da fé, em nome de Deus. Nunca tive oportunidade de conhecer outras e é aquela coisa, a gente foi educada na fé católica e é um modelo europeu, tem essa dificuldade.

Tenho muitas amizades, mas amigos com quem eu posso contar, resumem-se a três. Devido à rotatividade da escola, a gente vai passando, se tem um círculo de amizades e colegas têm-se muito. Sou bem criteriosa.

Eu não saio muito, o salário de professor não dá para nada, não sei qual é a sua profissão, mas como professora fica difícil. Gosto muito de sair para dançar forró. Às vezes vou para Piracicaba, pois a cidade aqui é muito elitista. Piracicaba recebe melhor, acho que eles sabem lidar melhor com a diversidade.

Eu gosto de dançar de tudo. É claro que deve ter um pouco de conteúdo, sou dada ao ritmo. Têm lugares que você vai, não consegue um papo interessante. Eu não quero sair só para me divertir, quero instruir.

Sou uma pessoa mais simples, adoro o meu jeans. No trabalho é social, pois o cargo pede. Percebo que a roupa influencia muito. Pelo fato de ser negra, as pessoas cobram muito, e eu observo, queira ou não. Em casa gosto de ficar bem à vontade.

Eu tenho uma música que se chama “a canção dos povos”. Sabe, eu sinto saudade do povo da África e penso que é lá que está meu povo. Sinto-me meio intrusa aqui.

Eu vejo a escravidão como uma forma como Hitler lidou com o mundo. Estava lendo a Revista Veja e vi vários Clãs: os Rochas, os Silvas, os Souzas, procurando os herdeiros aqui no Brasil. Então a escravidão veio para isso mesmo, para acabar com a gente, mas o negro é forte, é tão resistente. Por isso que eu falo que teve a mãozinha de Deus.

Quando eu trabalhei no patrulheiro, muitas empresas pediam para encaminhar garotos para elas. Meu irmão trabalhava lá e pediram um garoto para trabalhar no Mazutti e eu o

encaminhei. Uma moça ligou e falou: olha o menino que você mandou é muito bom, mas a diretoria não quer que mandem negros. Aí eu disse: você sabe como eu sou? Ela falou: não é problema meu, é da diretoria. E havia muitas outras assim. A gente vive num mundo que a discriminação está enraizada no povo e eles agem fazendo piadas. Então quando eu ouço esse tipo de comentário eu intervenho, senão como vai ficar. A escola deveria servir para a formação e não deformação.

Eu tive a oportunidade de trabalhar numa escola e já tinha algumas professoras em final de carreira. Eu lembro que depois que terminou a reunião uma delas falou para a diretora: você já fez faxina na minha sala? Eu olhei, assim na minha simplicidade. Está tudo em ordem, a aula ainda vai começar. Fiquei com aquilo, mas, não fiquei questionando mais nada, eu era estagiária, trabalhava junto com a diretora. Aí, um dia peguei essa professora conversando com a diretora. A faxina a que ela referia era para eu fazer, para eu não dar aula para alunos.

Sobre a exclusão, sou a favor das cotas, mas acho que tem que tomar um cuidado muito grande. Acho que é muito cedo para saber se funciona ou não, ou se é mais um erro de exclusão. Acho que tem que lutar para conquistar nossos direitos. Acho que nós temos que tomar cuidado. Acho que em muito lugar elas podem se transformar em mais um tipo de exclusão.

Essa exclusão eu percebo muito até no contato com o aluno. As crianças da quarta série recebem beijinhos, o que não acontece com as crianças negras. Por mais que o professor diga que é imparcial isso não acontece. Então a exclusão acaba fazendo parte do cotidiano. Na hora do intervalo, quando um aluno não tem o lanche para dividir, ela aparece. Então são coisas que a gente acaba olhando como natural, mas não é normal. Enquanto a escola ficar olhando com naturalidade essas coisas ela não vai transformar nada. Ela é feita para formar cidadãos, mas ao invés disto vai deformar o cidadão.

Quanto ao Movimento Negro, aqui em Limeira eu conheço o COMICIN (Conselho Municipal dos Interesses do Cidadão Negro). Até já tive a oportunidade de participar. Mas as reuniões que participei não vieram de encontro com aquilo que eu pensei. Tinha um lá que queria o meu trabalho. Eu falei: espera aí, eu pesquisei, gastei noites de sono. Isso aqui, não! Pesquisei em livros, tive que ler muito. Então senti que estavam querendo me explorar, e aí eu parei.

Mas acho que houve um progresso. Mas acho ainda que as entidades estão um pouco distantes daquilo que tem que ser mesmo. Mas está caminhando. Não importa se a passos

largos, longos, lentos, o fato é que está caminhando. Eu fico contente que as entidades estão olhando não só pelos negros. Mas as pessoas não pensam em participar, pensam na parte da festa, da dança, do pagode, não de estudos, de pesquisas. Dá impressão que onde tem negro tem oba, oba. Mas nós temos que participar.

Eu penso assim: eu não quero ir inteira para o túmulo. Quero dar a minha contribuição. Tem muita gente querendo aparecer, mas quando a gente quer isso a coisa não acontece.

Fica à disposição se quiserem conhecer nosso trabalho, ir à escola e fazermos uma parceria. Espero que este trabalho venha fazer parte do nosso HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo).

Entrevista número 3

Meu nome é Cláudia. Sou brasileira, natural de Jacarepaguá – RJ, casada e tenho um filho.

Sou formada em Ciências Sociais – ISCA/Limeira e História UNIBAN – SP.

Sou professora da rede estadual de ensino e hoje atuo como Professora Coordenadora Pedagógica da EE. Professor Gustavo Piccinini no período noturno.

Sou carioca de nascimento e limeirense de coração. Vim para cá ainda criança. Sou negra, com muito orgulho, mas nunca permiti que a cor da minha pele fizesse de mim uma pessoa covarde, apesar das barreiras e preconceitos que enfrentei. Considero-me uma mulher bem sucedida, sou batalhadora, corajosa, persistente e não desisto dos meus sonhos e pretensões.

Ainda tenho muitos propósitos, sonhos pelos quais ainda batalharei. Assumi a minha função de Coordenadora Pedagógica a convite da Diretora da escola que observou o meu trabalho em sala de aula e se mostrou satisfeita com minha atuação. Ela percebeu nisso a possibilidade de eu mostrar a forma diferenciada como eu atuava em sala de aula. Estou nessa função há dez anos. Para esta função a cor da minha pele não “atrapalhou” na escolha da minha diretora. O que contou foi competência e habilidades minhas no meu trabalho. Eu sou muito orgulhosa pelo fato de ser minoria no meu grupo e a cada início do ano letivo eles votarem a minha permanência na função.

Sou evangélica e dedico a Deus todo o meu sucesso.

Na vida social, estou ainda aquém dos meus anseios. Mas quem na atual conjuntura brasileira não está? Meu filho está cursando o primeiro ano de faculdade. Meu marido tem formação superior e também é bem sucedido e negro.

Para mim, a África representa apenas um elo que não me deixa esquecer a minha origem da qual me orgulho.

Sou cidadã brasileira, o Brasil é o meu país.

Quanto à escravidão, é um estado de sentimento que deve estar na memória remota de qualquer cidadão. É revoltante. Foi desumana, agressiva, despersonalizadora e desumanizadora.

Discriminação. Este é um tema polêmico, complexo e instigante. Considerado crime perante a Lei. Mas que Lei? A discriminação é tratada como se fosse uma “coisa” que as pessoas dissessem: não quero mais e conseguisse jogar fora. Ela não pode ser combatida com projetos de conscientização, punição, propagandas e movimentos sociais. Infelizmente ela está na essência das pessoas, sentimentos, posturas, principalmente na mídia que faz o impossível para revelá-la e um esforço ainda maior para que ela continue a existir.

A questão maior é que a desigualdade de todos e a essência do ser humano fossem ensinadas, sem demagogia, sem hipocrisia.

Outra questão polêmica é da inclusão e exclusão. Enquanto estas questões não forem devidamente “sacramentadas”, todas as pessoas devem batalhar com inteligência e sabedoria, um espaço, como cidadão que é uma conquista maior em todos os setores da sociedade, começando pela família.

Quanto ao Movimento Negro, eu me reservo o direito de não tecer nenhuma opinião e comentário sobre isto.

Eu sou mais uma das mulheres negras que acorda bem cedo e dorme bem tarde, trabalhando o dia todo, contribuindo ainda mais com o crescimento da nação.

Sou de Limeira. Etnicamente, sou negra, de família humilde e batalhadora, sempre residentes na atual Vila Paulista. Meus pais são de Limeira. O pai é autônomo; a mãe professora de História e Especialista em História. Meus irmãos são quatro, mais novos que eu. Um é Engenheiro, O outro está no campo das Artes, outro é Músico e o outro é estudante.

Pretendo realizar o curso de Doutorado. Fiz Especialização, estou almejando, primeiramente o mestrado; mas, infelizmente não tenho tido tempo para me organizar e tentar.

Entrevista número 4

Denise.

Sou descendente de escravos. Alguns dos meus bisavós foram alforriados, outros beneficiados pela Lei do ventre livre.

Vivo uma cultura brasileira, mas estou sempre em contato com a cultura Africana, que adoro.

Estudei sempre em escola pública. Fiz o Ensino Superior em faculdade particular (passei a primeira fase da Unicamp, na época; mas o meu objetivo era a Licenciatura Português Inglês e a Unicamp só oferecia Português). Sou Técnica em Processamento de Dados e Especialista em Psicopedagogia.

Sou Professora de Português e Inglês da rede SESI/SP e Coordenadora (Educadora Profissional) do Programa Escola da Família do Governo do Estado de São Paulo.

Tenho muitas habilidades, pois aprendo tudo com facilidade, é difícil citar só uma.

Adoro a Deus.

Meus amigos são pessoas humildes, fora da elite. Infelizmente, a maior parte é carente de educação e cultura. Dos seis amigos cultos que tenho, dois são africanos.

Quanto a passeios, gosto de viajar, de conhecer pessoas.

Bailes, só frequento bailes “black” - Hip Hop; às vezes curto um pagode.

Vestimentas, gosto de roupas finas, “europeizadas”.

Sobre a África, pretendo ir à África do Sul em 2006.

A escravidão é um assunto que eu odeio. Falo muito bem sobre ele, faço palestras. Fico triste pelo fato de termos sido massacrados por mais de quatrocentos anos (e até hoje somos escravizados).

Sobre a discriminação, durante um tempo em minha vida, eu nem chegava perto de pessoas brancas. Hoje sou mais flexível.

Eu fui excluída, sempre. Hoje, incluo em primeiro lugar, meus alunos negros (ambiente escolar) e todos os negros que vêm até mim.

Quanto aos Movimentos Sociais, Gosto deles, mas não dão certo. Os negros (homens) não valorizam as negras, desprezam as origens e vivem se “maquiando” para “clarear” as coisas.

Entrevista número 5

Meu nome é Elói.

Eu sou uma pessoa que entende ter uma missão aqui na terra de evoluir e ajudar as outras pessoas a evoluírem. Sou um sujeito crítico, exigente comigo mesmo. Acredito que todos são iguais, merecem respeito e consideração.

Meu local de origem é a cidade de São Paulo.

Como todo brasileiro, tenho uma origem étnica variada: afro, português e espanhol (pai: afro e português; e mãe: espanhol e português).

Pretendo ir para o lugar onde possa realizar meus sonhos (dar boas condições a minha família, segurança, conforto, ter um trabalho, que possa estar feliz).

Nome: Elói. Sobrenome: Faustino – português.

Sobre os antepassados, por parte de pai tem a minha bisavó que era negra e se casou com um português; minha avó era mestiça e se casou com um mestiço.

Por parte de mãe meus bisavós eram espanhóis e meus avós são brancos.

Sobre a cultura, como todos do interior, têm os costumes locais de uma região. Da parte de meu pai (ascendência afro), não são cultivados os hábitos ou costumes ligados à cultura afro. Da parte de mãe também não.

Quanto à minha trajetória escolar, não fiz curso pré-escolar. Estudei em escola pública até a 5ª série. Estudei em colégio militar da 6ª ao 1º colegial. Voltei para a escola pública e me formei. Na época do vestibular paguei um ano e meio de cursinho e entrei em duas universidades públicas: USP (Química) e FATEC (UNESP). Cursei na FATEC Construção Naval na área Fluvial e fiz complementação pedagógica de um ano para ter licenciatura em matemática. Exerço a função de Professor Coordenador do noturno. Trabalhei paralelamente no Banco Itaú em São Paulo durante cinco anos e no Grupo Camargo Correa em Jaú durante cinco anos também.

Minha profissão é Professor.

Tenho algumas outras habilidades: toco violino, entendo de informática e faço pintura em tela...

Atualmente não sigo nenhuma religião. Acredito em Deus e Cristo, apenas.

Quanto à vida social, trabalho muito e não tenho muito tempo para ter muitas amizades fora do trabalho. As amizades, na sua maioria surgiram de vínculos no trabalho.

Nas férias gosto de viajar e sempre viajo.

Sobre bailes: Gosto. Não frequento muito. Gosto de músicas, rock e de clássica.

As roupas que visto são aquelas básicas, dependendo do ambiente.

África: um vasto continente, uma população na sua maioria pobre. Um povo ligado fortemente à religião. Uma região rica em recursos minerais e uma fauna maravilhosa. A cultura é diversificada e rica.

Escravidão: para começo de conversa, dada a ganância de alguns africanos, eles próprios escravizavam e administravam o tráfico de seus próprios irmãos, vendendo-os aos europeus e outros povos. Hoje isso trouxe uma falta de respeito à própria etnia e desvalorização do afro.

Discriminação: quanto mais discriminação mais ignorantes somos. Quando qualquer pessoa está em minoria, tanto no campo das idéias da etnia ou da moral... Sofri mais discriminação enquanto religioso num período de minha vida o que poderia ser ligado a minha etnia.

Exclusão: atualmente não percebo exclusão devido ao fato de ser minoria étnica.

Movimento negro: conheço alguns, mas não participo. Acredito que é uma boa iniciativa, até para dar parâmetros de como reduzir as diferenças econômicas e sociais entre os discriminados. Mas muito ainda tem a se discutir para chegar a um ideal, que seria igualdade para todos.

Entrevista número 6

Meu nome é Franscisca.

Nasci em Campinas/SP, sou da raça negra com italiano.

Pretendo chegar à direção de escola.

Calixto é o sobrenome do pai de origem negra com italiano.

Através da história contada por parte da avó materna fiquei sabendo que ela veio da Itália fugida no porão de um navio, juntamente com seus familiares. Aqui no Brasil trabalharam em roça, conseguindo sobressair socialmente, vindo a melhorar suas condições de vida. Na fazenda em que vivia tinha empregados brancos e negros, sendo que se apaixonou por um negro. Fugiu com ele pelo fato da família ser contra esta união. Em decorrência disso foi deserdada.

Na origem paterna houve a união ao contrario: a avó é negra e o avô é Italiano, mas, não sei contar a história, pois moravam em São Paulo.

Movimento Negro: freqüento quando sou convidada para exposição afro, palestras, coral, participação de atividades escolares do dia 20 de novembro.

Não tive problema com relação ao racismo, parte financeira a família sempre procurou dar do bom e do melhor.

Comecei como babá, passei cola em sapato, fiz técnico em contabilidade já passando por fábrica de tecelagem, indo trabalhar após o termino da datilografia em escritório. Logo após, fiz faculdade sem problema nenhum.

Dou palestras sobre sexualidade para empresas, aplico Orientação Vocacional, adoro cozinhar, adoro dançar e saio nas escolas de samba.

Minha religião é a católica. Fui professora de religião na faculdade e pela catequese.

Passeios: Ótimos, sem problemas.

Vou onde quero: viagem, Playcenter, Hop Hari, Shopping.

Adoro dançar.

Uso clássico social e jeans.

África – Sofridos, discriminados, acho que deveriam dar uma condição melhor.

Escravidão: Sub-humano, onde não deveria existir, pois todos nós somos escravos por falta de respeito.

Discriminação: com toda censura possível por serem ignorantes no assunto.

Exclusão: se soubessem o que é discriminação não existia a exclusão.

Ações Afirmativas: Necessárias para que a sociedade possa ver os negros como parte social e com direito ao trabalho, lazer e direito de vida igual a qualquer ser humano, seja ele negro, branco, índio ou amarelo.

Entrevista número 7

Graça, professora de Português e Inglês, Educadora Profissional, do Programa Escola da Família. Sou casada tenho quatro filhos, um é casado, os outros moram comigo. Meu marido trabalha em São Paulo e só vem aos finais de semana. Atualmente trabalho no Programa Escola da Família e sou professora na EE. Professor José Ferraz Sampaio Penteado.

Sou de São Paulo, Capital.

Sou de família humilde, onde todos mantêm seu sustento com o seu trabalho. Meus pais nasceram na Bahia. Meu pai veio a São Paulo sozinho em busca de trabalho e quando conseguiu se estabelecer um pouco foi buscar-nos, pois o serviço que fazia na Bahia era na roça como lavrador na plantação de mandioca, onde penso, pois era muito pequena, fazia farinha para a Casa da Farinha, e o sustento das famílias naquela ocasião provinha dessa produção. Ao chegar a São Paulo, ele foi para a casa de um irmão, que já estava por lá há alguns anos. A partir daí conseguiu um emprego nas indústrias Matarazzo. Alguns anos depois meu pai conseguiu comprar uma casinha, e nossa vida melhorou um pouco. Minha mãe arrematava (pregava botões, fazia pequenas costuras, etc.) roupas em casa.

Para onde vou? Para a supervisão escolar é claro, mas para isso tenho que cursar pedagogia.

Meu sobrenome é Alves da Silva. Alves eu recebi por parte de mãe. A única coisa que sei é que ela e meus avós nasceram na Bahia. Silva, eu recebi de meu pai. Também nasceu na Bahia, bem como seus pais e avós.

No que diz respeito à parte cultural meus pais preservam a culinária baiana, cabrito, requeijão, farinha de biju, tapioca, etc.

Sobre a educação, meu pai foi muito severo, só valia o seu ponto de vista. Não permitia que eu usasse certas roupas. Algumas comecei só depois que me casei. Quanto à escolarização, sempre estudei em escola pública, desde os sete anos de idade. A faculdade foi particular, onde me formei em Letras. Foi um período bastante difícil por questões financeiras, e, no último ano engravidei. Só não desisti devido ao apoio dos colegas.

Profissionalmente falando, hoje sou professora eventual do Estado e Coordenadora do Programa Escola da Família. Comecei a trabalhar em empresas metalúrgicas, indústria de meias, fábrica de chinelos e serviços domésticos, ajudando sempre no orçamento doméstico.

Alem de ser professor, detenho algumas habilidades especiais: Crochê, manicure, pedicure, culinária, leitura de revistas, de jornal, de livros, etc.

Sempre fui católica e participo das “missas afro” do Padre Maurício.

Minhas amizades são normais, pessoas do mesmo nível, do local de trabalho e escolar.

Quanto a passeios, algumas vezes vou a São Paulo em casa de parentes. Por trabalhar nos finais de semana, eles ficam cada vez mais restritos.

Não frequento bailes.

Uso roupas normais, esportes e sociais.

A África é um país pobre. Acho que na própria África há muito preconceito. Não tenho muito conhecimento, apenas o que vejo na TV.

Sobre a escravidão, não concordo. Na verdade, ela existe ainda nos dias de hoje. Talvez não como antigamente. Na sociedade as patroas se aproveitam muito das suas empregadas.

Ainda há muita discriminação, principalmente nas áreas de trabalho embora você ouça a divulgação e a conscientização sobre o assunto.

Exclusão e discriminação andam juntas, porque se você está excluindo, igualmente está discriminando. Um fato de discriminação que presenciei foi uma inspetora chamando um aluno de “macaco”. A avó dele foi à escola para reclamar e a inspetora repetiu-lhe a mesma coisa.

O Movimento Negro eu vejo através da comunidade do Padre Maurício e as comemorações do dia vinte de novembro. Acho que ele, o movimento, deve continuar e conscientizar cada vez mais as pessoas. Acho que ele avançou. As pessoas de antigamente tinham medo e vergonha de sua etnia e hoje as vejo exercendo a sua cidadania e participando mais de sua cultura, vejo também, as “danças afro” e a forma de vestir.

Entrevista número 8

Meu nome é João.

Sou professor e gosto da Profissão. Já faz quatro ou cinco anos venho trabalhando com o ensino de xadrez na rede pública e também na escola particular. Inclusive na minha carteira de trabalho sou registrado como professor de xadrez. Gosto desse trabalho. Não tenho uma formação acadêmica nessa área. Mas eu gosto muito dos projetos que venho desenvolvendo nesse sentido.

Também sou professor de história na quinta e na sexta série numa escola particular, e na rede pública dou aula de filosofia. Gosto muito de tudo que venho trabalhando.

E aqui no na Escola sou responsável pelo Programa Escola da Família já vai fazer dois anos. E eu me entrego por inteiro a tudo aquilo que a gente vem fazendo.

Agora, eu vim de uma cidadezinha pequena, Cajuru, a sessenta quilômetros de Ribeirão Preto. E, agora, para onde eu vou, para onde você vai, isso aí é difícil saber, só o tempo é que vai determinar. É uma vida para você saber para onde você vai.

Mas profissionalmente falando, para eu poder delimitar essa pergunta aqui, tenho vontade de fazer o mestrado, doutorado, continuar estudando, viajar, conhecer outras culturas.

Eu sou casado, tenho duas filhas, uma de dezesseis anos, a outra tem sete anos. A filha de 16 anos termina o colegial no ano que vem. A filha de sete, embora esteja na 1ª série já sabe ler, sabe jogar xadrez também (as duas), embora não forcei ninguém a aprender, mas talvez por influência tenham aprendido.

O sobrenome da minha família é Lima. A minha mãe é mineira, nasceu aqui em São Sebastião do Paraíso. Meu pai também. Viveram a maior parte do tempo em Cajuru.

Quanto à cultura, meu pai é analfabeto. A minha mãe aprendeu a ler e escrever naquele antigo Mobral. Da minha família nós somos seis irmãos, sendo três mulheres e três homens. Eu sou o caçula. De nós sete, só eu e minha irmã conseguimos fazer curso superior. Os demais, o mais longe que chegaram foi o ginásial.

Quanto à educação, eu fiz o ginásial e o colegial lá em Cajuru. Comecei a faculdade em Ribeirão Preto. A primeira faculdade que comecei foi matemática, depois transferi para

biologia. Vim para Limeira e entrei na UNIMEP, na década de 80, quando comecei a fazer o curso de direito. Parei também, retornei na década de 90 no curso de filosofia. O curso de filosofia eu conclui.

A profissão eu já disse. Sou professor. Trabalho aqui na escola como responsável pelo Programa Escola da Família.

E quanto às habilidades eu diria que tenho algumas. Durante uma grande parte da minha vida essas habilidades foram mais manuais. Porque viemos do sítio, da lavoura, e depois quando chegamos a Limeira, nós fomos trabalhar na indústria, na parte de produção e depois da faculdade que nós começamos a trabalhar na área da educação. Interessante, porque com a formação de filosofia, e mais a vivência, isso fez com que a gente pensasse e agisse, procurando conciliar teoria com prática para exercer as funções que a gente vem exercendo.

Religião. Uma parte da minha vida fui católico. Depois dos 27 anos eu me converti à religião de tradição evangélica. Depois da década de 90, assim que terminei a faculdade, me distanciei de religião e até hoje ainda não me defini ainda de que religião eu seja. Mas eu sou cristão, me defino como cristão e gosto de aprender um pouco de todas as religiões, mesmo porque como filósofo não dá para ser partidário. Procuro aprender um pouco de todas. Tenho lido um pouco de Srimad Bhagavatam, dos Vedas. Estudei o adventismo, o evangelismo, o catolicismo, enfim, um pouco de tudo, budismo, taoísmo.

Vida social. Amizades, eu não tenho muitas amizades. Mesmo porque para ter amizades você tem que cultivar, ter tempo, tem que estar conversando, estar passeando, e eu não tenho tido muito tempo para estar cultivando isso, mas os poucos amigos que tenho a gente considera muito, a gente se dá bem. Os que não são, que eu não considero como amigos, mas muitos têm assim grandes possibilidades de no futuro serem meus amigos. Não passeio muito, porque não tenho tempo. Trabalho de sábado, domingo. Não vou a bailes, não porque eu não goste, mas justamente porque eu não tenho tempo.

Roupas: não sou muito vaidoso, quem cuida mais dessa parte de roupa é minha mulher. Ela que implica com a maneira de vestir, a maneira de, enfim... Mas eu uso sempre as mesmas roupas. Quem olhar meu jeito de vestir vai achar que eu só tenho umas três, quatro camisas, o que não é verdade. Devo ter mais ou menos umas 40 ou 50 camisas, mas sempre uso as mesmas. Mas gostar de roupas? Não tenho muita vaidade quanto a isso, não.

Política. A África. Não tem como não ter uma grande, olhar com carinho para aquele continente, mesmo porque a gente é de origem africana. Meus bisavós eram escravos, a minha mãe é negra, era negra, porque os pais eram escravos. Meu pai é de origem européia, ou seja, meu pai já era branco. Quanto à escravidão, eu ainda acho que ela continua de uma outra maneira, não com a mesma conotação do século XIX, século XVIII, XIX, mas de uma outra forma, acredito que ela persiste. A discriminação também é muito forte. Isso de certa forma prejudica o desenvolvimento do país, o meio social, enfim, isso é uma pedra no sapato do progresso da nossa nação.

A exclusão persiste, embora se faça reunião, embora se faça palestra. A mídia, de certa forma fala alguma coisa a respeito, mas a exclusão ainda ela persiste.

Quanto ao movimento negro eu conheço não muito e o pouco que eu conheço, conheço por influência do meu amigo Jose Benedito, inclusive o ano passado me passou material para que eu falasse, desse uma palestra lá no Marciliano (Escola) a respeito do movimento Negro. Na época uma coisa que me chamou a atenção foi justamente o fato de ter informado que na USP um advogado fez um cálculo da indenização que o Estado teria que fazer para os negros em relação ao tempo que passou trabalhando sem receber. Teria praticamente que vender o país para poder indenizá-los. Então, quer dizer, aquilo foi um argumento que lá no Marciliano no ano passado colocou por terra muitos argumentos contrários que a gente ouviu na época. Pude perceber que mesmo no meio educacional muitos são desinformados quanto a isso. Como professor de história a gente percebe que as apostilas falam muito pouco do continente africano. A mídia também fala pouco sobre o continente africano. Quer dizer, quando se fala em investimento, quase não se fala em investir naquele continente. Então, quer dizer, a discriminação é muito mais ampla do que nós supomos. Diria que é muito maior do que eu imagino. Do todo a gente só pega um percentual. Mas no geral, de uma forma sintética, é isso que eu posso estar falando. É lógico que eu procurei ser resumido, porque têm algumas questões aqui, como eu já disse: quem é você? Não sei, a gente respondeu de uma forma bem objetiva, mas se for para explicar realmente como a gente imagina que seja, é muito complexo.

Gosto de tudo isso, gosto de estar, inclusive, estou falando aqui nesse momento, aqui, porque é gostoso, do que a gente está fazendo, do que a gente está vivenciando, dos projetos que a gente idealiza, eu falei numa parte aqui dessa entrevista que eu gostaria de estar conhecendo outras culturas, provavelmente agora em dezembro vou estar passando um mês na

Argentina, vou conhecer a Universidade de Mendoza, vou estar ficando talvez de 20 a 30 dias, conhecer a Cordilheira dos Andes, conhecer ali uma parte da Argentina. Eu sei que a cultura Argentina tem algumas diferenças em relação à nossa aqui, mas por sermos latino-americanos algumas coisas são muito parecidas. Mas vai ser uma experiência muito interessante e estou curtindo essa idéia.

Quanto a idiomas, embora não é isso que conste aqui, estudei francês durante um ano, não sou fluente no falar, mas a gente lê bem, está sempre lendo algumas coisas em francês, sempre que possível a gente está navegando na internet, justamente nesse idioma. O espanhol também a gente lê razoavelmente, mesmo porque minha família morou três anos na Argentina. Sempre que possível a gente se comunicava em espanhol em casa. Mas, no geral é tudo isso, ou só isso que eu tenho para estar falando.

Relação com os demais membros da escola, racismo na escola. O nome dos cargos na escola não é uma definição nossa, ou seja, uma qualificação que nós mesmos nos damos, mas a Secretaria da Educação coloca assim. No caso aqui, eu sou o Educador profissional, o Vice-diretor é o gestor. Mas aqui o responsável seria eu porque eu fico no sábado o dia todo e no domingo o dia todo. E quando foi iniciar o projeto na escola fui eu que fiz o projeto. O projeto foi elaborado e eu fui escolhido, no caso, pelo gestor.

Agora quanto à relação aqui na escola ela é muito, muito boa. Porque eu comecei aqui na escola antes do Projeto Escola da Família. Eu comecei aqui, na verdade, como professor de xadrez. E as crianças me vêem como professor de xadrez. Então quebrou aquela distância entre o professor e o aluno, porque você para jogar xadrez com o aluno tem que estar ali vivenciando, olhando nos olhos dele, acompanhando as dificuldades, os problemas, outra vez você ri, você descontraí... Então quando surgiu o Programa Escola da Família, no caso aí, o Vice-diretor que é o gestor, ele me escolheu justamente por causa dessas qualidades que ele viu em mim. Na época ele não me conhecia tão bem assim. Mas ele apostou que a gente tinha qualidades para que as coisas fossem bem desenvolvidas.

Bom, quanto à direção, a Diretora da Escola, a gente conversa muito pouco por causa do ritmo de trabalho do professor e do ritmo de trabalho no caso da direção, então sempre quando a gente conversa são assuntos estritamente profissionais.

Embora eu seja professor tenho feito alguns trabalhos manuais, alguns trabalhos assim tipo pintar alguma coisa, arrumar uma torneira que está quebrada, às vezes é parafusar alguma coisa. Então, eu não vejo isso com maus olhos, não. Já que a gente tem essas características, tem sido útil à escola, então o pessoal aqui na escola, principalmente a Direção, vê muito esse lado, não só o lado pedagógico, no caso, mas eles vêem assim, que eu sou “pau para toda obra”.

Eu não tenho dificuldade de relacionamento com ninguém, mesmo porque existe uma transparência, eu falo aquilo que penso, aquilo que acho, aquilo que deve ser, eles também tem liberdade para falar comigo o que pensam, o que acham... Eu gosto muito do clima aqui, do ambiente.

O vice-diretor, que é o gestor, a gente se comunica o tempo todo, ou por telefone, ou per e-mail, ou Pessoalmente, nada é feito assim arbitrariamente. Ele não toma decisões antes de conversar comigo, eu não tomo as decisões antes de conversar com ele. Não por causa de uma questão de poder ou de autoridade, mas uma questão de ouvir o que o outro tem pra falar. Às vezes mesmo nas coisas pessoais, assim da vida pessoal de cada um ele pergunta para mim o que eu acho disso, o que acho eu daquilo, às vezes eu também pergunto. Quer dizer, dos poucos amigos que tenho, posso dizer que o gestor é um deles. A gente realmente tem uma relação assim, muito boa.

Trabalham aqui com a gente oito universitários. Eles têm bolsa para poder estar desenvolvendo o projeto. Eles são jovens ainda, estão começando a faculdade, outros estão terminando. Eu vejo assim, cometem muitas falhas, justamente no sentido assim, de saber como estar desenvolvendo o projeto, de se envolver realmente, por inteiro. Mas o maior projeto que eu tenho dentro do PEF é saber me relacionar bem com os universitários.

Procuo não ser autoritário. Por outro lado também a gente tem que fazer algumas cobranças, mesmo porque senão as coisas não acontecem. Mas eu procuro não só cobrar, estar pedindo, estar falando, mas como eu já disse, eu procuro estar trabalhando, estar agindo. Se tem que pintar o chão eu vou lá, pego o pincel, pinto; se tiver que varrer, varro, se tiver que lavar alguma coisa, lava. Não tem essa de... Ah! Eu sou professor, eu fiz uma faculdade, eu sou educador profissional, eu vou dar ordem, o outro vai obedecer, vai cumprir, e eu vou ficar aqui só dando ordens. Eu não vejo dessa forma. Posso até estar equivocado, mas talvez pela educação que eu tive, pela formação que eu tive lá em Cajuru antes de vir para Limeira, então lá costumava

dizer o seguinte: que o homem tem que saber de tudo. Fui criado num ambiente assim. Um homem tem que saber domar um cavalo, tem que saber carpir, tem que... Na época não era computador, na época era máquina de escrever, datilografia. Então tive que fazer um curso de datilografia na época e sabia montar a cavalo também, sabia tudo e estudava. À noite ia para o colegial estudar. E hoje, mesmo sendo professor, mesmo ali trabalhando na área da educação, isso eu trago dentro de mim, não fujo do trabalho manual, não. Gosto do que eu faço, estou feliz, não faço por obrigação, não faço por temor também. Faço porque eu me envolvi. Sei que talvez chegue no futuro o projeto deixe de existir. Mas independente de uma coisa ou outra, procuro vivenciar o que está acontecendo hoje. Hoje está sendo muito legal, está sendo muito importante. Não posso dizer que o pouco que a gente ganha não faça diferença. Mas fico mais feliz, fico mais feliz de poder estar trabalhando, de estar fazendo o que gosta e...

Aqui dentro do projeto está tudo em ordem, está tudo certo, alguma coisa a gente sai fora, inclusive neste momento que eu estou falando aqui, dando a entrevista, chegou o universitário e desconcentrou um pouco o que a gente está conversando aqui. Mas eu gosto de tudo que está acontecendo aí, é maravilhoso, estou aprendendo. Acredito que a gente está aí acumulando experiência.

O gestor faz 22 anos que trabalha aqui nesta escola. Já faz 30 anos que ele trabalha na área da educação. Não resta dúvida que eu tenho muito que aprender com ele, embora que a experiência de um não empresta as asas para o outro, cada um tem a sua experiência, mas a gente tem a felicidade de ser orientado em alguns quesitos, em algumas coisas com uma pessoa que já vivenciou coisas que a gente ainda vai vivenciar. Inclusive manusear o computador, entrar na internet, fazer pesquisa, tudo eu aprendi durante esses dois que eu estou aqui. No mais é tudo isso que eu tenho pra dizer, José.

Experiência com “religião afro”. Olha, sim. Teve, mas faz muitos anos. Hoje, na verdade, quase todos são evangélicos. Inclusive a minha irmã e esse cunhado meu que vai morar na Argentina agora a partir daqui a uns 15 dias, já alugaram casa, já arrumaram tudo, estão indo pra Argentina.

Esse meu cunhado é pastor. Negro. Ele é negro. Não é moreninho, nem nada não. Negro mesmo. Ele está indo para a Argentina. Ele é pastor da Assembléia de Deus. Minha irmã também é evangélica. Os meus irmãos também são evangélicos. E as minhas irmãs também. Só uma que não. O primeiro contato que nós tivemos foi com a umbanda, foi em 1969, 1970. Na

época eu era criança. Tanto eu quanto minha mãe nós estivemos lá num terreiro de umbanda, na época eu tinha uns 10 anos, 9, 10 anos. E depois com o passar do tempo também minha mãe deixou, minha mãe se converteu ao evangelismo, minha mãe se transformou em protestante, mesmo porque meus irmãos viviam lendo a Bíblia e influenciou nessa questão, na opção religiosa. Eu, embora fosse menino, lia alguns livros do candomblé, porque a senhora que era a responsável tinha dificuldades de visão e ela pedia para que eu lesse. Fui algumas vezes lá nos trabalhos, mas depois com o passar do tempo também a gente foi se afastando e tendo assim também uma influência evangélica.

Isso mudou no meu caso um pouco a trajetória depois da filosofia, depois da filosofia me concentrei em minhas leituras, mais nas minhas reflexões, mais em questões pedagógicas, em questões realmente do campo educacional.

Afastei-me assim quase que totalmente dessa questão religiosa. Na década de 90, fui a Nova Cucula. Nova Cucula é uma cidade, ou melhor, é um sítio próximo de Pindamonhangaba onde é a sede do Hari Krishna aqui no Brasil. Fiquei uns dois ou três dias lá na seita. Tenho quase todos os livros dos Vedas, Srimad Bhagavatam. Mesmo por influência de alguns amigos que são da seita H.K. não sou de ler muito também os livros embora tenha quase todos. Mas eu li o Srimad Bhagavatam, fiz um resumo. Em alguns aspectos são muito parecidos com as religiões africanas, especificamente nessa questão mitológica. Porque na realidade o hindu ainda não se desvencilhou do mito. O mito está vivo dentro da cultura... Parece-me também que dentro da cultura afro tem muita assim... Tem muita coisa semelhante. Particpei de um dia de debate, inclusive a convite seu no ano passado. Não foi possível participar todos os dias da semana porque coincidiu com os jogos regionais e aqui a Escola tinha sido cedido para Santa Cruz das Palmeiras e o responsável de vir acompanhar o que estava acontecendo aqui na escola fui eu porque o gestor estava viajando. Então não foi possível ficar toda semana ali no auditório, ali estar acompanhando aquela palestra. Mas me lembro que teve algum comentário justamente de acordo com essa pergunta que você me faz.

Eu acho tanto complexo quando alguém tem uma experiência de uma cultura, de uma religião e depois sai daquele condicionamento que até então a pessoa vivenciou. É muito complexo isso. Mas de qualquer forma a gente tem vivenciado algumas experiências nesse sentido, sim.

Entrevista número 9

Meu nome é Luíza. Sou viúva. Nasci em Cabo verde MG, morei nessa cidade até os dez anos de idade. Atualmente resido em Limeira. Não tenho filhos. Tenho um irmão de trinta e dois anos, casado e pai de três filhos. Meus antepassados são todos afro-descendentes da parte de meu pai e descendentes de portugueses por parte de minha mãe. Sou de origem bem humilde. Meus pais são lavradores. Trabalhavam em colônias de donos de grandes fazendas de café. Recebiam pouco dinheiro e, além disso, a moradia. Em virtude da queda da produção do café as oportunidades de emprego ficaram escassas e por já termos parentes morando em Limeira viemos para cá com o intuito de melhorar a qualidade de vida de todos e estar na região mais próspera do Brasil.

Para mim o futuro a Deus pertence. Não faço planos que me levem a daqui a dez, quinze ou infinitos anos. Aprendi a viver o hoje, o agora, o já, intensamente.

Também não conheço a origem nem do nome e nem do sobrenome. Infelizmente desconheço a origem de meus antepassados.

Minha família não tem tradição cultural preservada.

Sempre prevaleceram a vontade, os desejos e os valores patriarcais, onde a figura masculina é a que dá a última palavra.

A primeira educação veio do seio familiar sempre com respeito maior à figura paterna. Com relação à escola, iniciei aos seis anos de idade e foi de modo geral tranquilo e sem nenhum trauma. Só era discriminada por ser maior que as outras crianças. Foi na escola pública que me formei como professora primária. Para o nível superior cursei a Faculdade particular de Ouro Fino, MG onde me graduei em Geografia em 1998, com muita dificuldade financeira.

Comecei a trabalhar aos quinze anos na Companhia Prada (fábrica de chapéus) onde fiquei por quatro anos como auxiliar de produção. Depois trabalhei na Prefeitura de Limeira por dois anos como Secretária na Secretaria de Cultura. Em 1998 ingressei na carreira de professora eventual na EE. Prof. Arlindo Silvestre, onde estou até hoje. Atualmente sou Educadora Profissional do programa Escola da Família.

Eis minha habilidade: cantar, hobby que desenvolvo na Igreja São Paulo Apóstolo onde participo de um grupo de canto que se apresenta nas missas do final de semana.

Sou católica, apostólica romana. Quanto às religiões de meus antepassados, só conheço e respeito.

Na atual circunstância falar de amizade é difícil. Para mim, o único amigo sincero e fiel é Deus, o resto são rosas e espinhos que convivemos no cotidiano.

Meus passeios no momento estão todos de férias. Meu sonho é ir para um Hotel Fazenda e ficar lá pelo menos um mês sem saber de nada.

Sou absolutamente caseira.

Sou prática e não costumo seguir moda nenhuma.

A África é um continente, infelizmente, desgastado e marginalizado por todo o seu contingente histórico, mas apesar de tudo continua valorizando suas tradições e costumes.

A escravidão é uma coisa horrível! E qualquer outro comentário não contemplaria as atrocidades que ocorrem neste período.

A discriminação existe em todos os momentos de nossa vida e sempre precisamos afirmar nossas convicções e nossos valores.

A exclusão só continuará existindo em função da não consciência dos valores morais.

O Movimento Negro é maravilhoso, mas infelizmente ainda não conseguiu se mostrar de maneira clara e objetiva.

Entrevista número 10

Meu nome é Maria. Sou professora, solteira, namoro há sete anos e sou apaixonadíssima. Tenho 36 anos, sou filha caçula de uma família de três filhos, única mulher e um irmão falecido.

Sou limeirense, filha de mãe descendente de baianos e pais paraibanos. Ambos são negros, o pai é analfabeto e a mãe é semi-analfabeta, de origem humilde. Meu pai era carroceiro e vendia carne na rua. Minha mãe era embaladeira de laranja. Apenas um irmão estudou bastante. Sempre passamos dificuldades financeiras, cresci nessa situação.

Minha mãe lutou muito para ter os filhos bem encaminhados. Era muito boa e apoiava muito nos meus estudos e fez o que pode. Hoje eles estão doentes e eu cuido deles.

Sou filha de pessoas humildes e trabalhadoras, ambos negros filhos de sitiantes. Conheço bem pouco a história dos avós, pois quando nasci eles já haviam falecidos.

Hoje tenho uma meta: retomar meus estudos de inglês os quais estão programados para se reiniciarem a partir de janeiro de 2006. Comprarei meu carro, casarei e serei mãe em 2007.

Quanto à família, herdei o sobrenome Menezes de meu pai que foi adotado por uma família nordestina, sendo que fora deixado perto da linha do trem, com bicheira na cabeça. A queixa dele em relação à família que o criou é de não se preocuparem com sua educação escolar, tanto que não frequentou nenhuma escola.

Aos dezoito anos chegou a São Paulo para trabalhar e melhorar sua vida. Foi aí que tiraram os documentos, inclusive a certidão de nascimento, dando-lhe o sobrenome de Menezes. Casou-se por duas vezes em São Paulo e eu sou filha do segundo casamento. O irmão que tive por parte de pai faleceu.

Mãe – filha de negros, baianos, perdeu os pais muito cedo, cuidou da irmã mais velha. A casa que moro hoje foi de meus avós onde minha mãe nasceu e posteriormente eu. Pagou a parte da herança aos seis irmãos e ficou com a casa. Trabalhou muito e cuidou muito bem dos filhos, preocupou-se com os estudos dos filhos até o fim. Colocava a educação como algo muito importante.

Os avós paternos foram sitiantes e trabalhadores rurais. Quanto aos avós maternos não tenho muita referência, pois faleceram cedo. O avô ficou viúvo e não quis casar-se novamente, pois, temia que uma companheira fosse maltratar os filhos.

No tocante ao tema da cultura, preservamos na culinária o tempero apimentado, a comida forte, como rabanada, língua e meu pai adora tapioca.

A educação é rígida, pois minha mãe é evangélica, meu pai sempre foi um homem bravo e de briga e sempre tivemos muito medo deles. Antes da escola, cursei o “Ninho”. Aos sete anos de idade entrei para a escola na 1ª série. Adorava português, pois gostava muito de ler. Nessa fase sabia ler perfeitamente. Minha mãe comprava o carnê do Baú e eu lia as historinhas. Fiz o Ensino Fundamental na Escola Leovegildo e o Ensino Médio, na Escola Ely de Almeida Campos. Aos dezessete anos comecei a trabalhar na Indústria Burigotto (fábrica de carrinhos de para bebês). Como não queria trabalhar de costureira por muito tempo, voltei a estudar. Fiz o curso de Inglês e prestei vestibular para Engenharia Química. Todos os vestibulares que prestei, passei. Fui a Ribeirão preto e também passei em Letras, mas optei por fazer o curso de Pedagogia em Araras e Letras em Mogi Mirim, pois queria muito ser professora. Hoje, além de professora sou também coordenadora do Programa Escola da Família na E.E. Luigino Burigotto.

No aspecto profissional, aos doze anos fazia pequenos concertos para uma senhora posteriormente trabalhei como costureira industrial na Burigotto. Batalhei e fui para um escritório por treze anos. Depois fiquei desempregada e já estava fazendo faculdade. Para não parar comecei a costurar roupas de bonecas na empresa “Narizinho”, e no último ano de Pedagogia comecei a dar aulas. A primeira escola foi a Cônego Manoel Alves, cuja diretora na ocasião era negra.

Tenho habilidade para organizar eventos e festas.

Sou de religião evangélica.

Minhas amizades são poucas, quase nenhuma, para falar a verdade. Cultivo bem pouco, pois, tive muito problema com elas. Principalmente por eu ser uma pessoa étnica, aparece muita inveja pelas coisas que já conquistei. Já levei calote e paguei muita conta dos outros.

Adoro ir à praia. Todo final de ano reservo o dinheiro para viajar. Primeiramente gosto de ir a Ubatuba. Nos Finais de semana sempre saio, mesmo que seja para ir à lanchonete. Não fico em casa. E é claro, sempre junto com o namorado.

Eu adorava bailes. Mas quando comecei a namorar, por causa do ciúme, não fui mais. Adoro baile sertanejo, festa do peão, etc.

Uso roupas básicas: jeans e blusa de lycra.

Vejo a África ainda como um povo, culturalmente falando, muito simples, sofrido. É um continente de negros, ainda comandado por brancos.

A escravidão é um horror. É a passagem mais desumana que o ser humano fez na terra.

Vejo a discriminação como deixar de dar oportunidades a alguém, visto que discriminar é também rotular. Você ser negro não significa ser incompetente ou incapaz. Qualquer discriminação é abominável e desumana. É infeliz quando a cor da pele, a idade, a condição financeira, a nacionalidade étnica definem para alguns que possuem a visão, infelizmente pobre de que certos preceitos devem ser regidos, caso a pessoa fuja aos padrões impostos por alguns, porém esta pessoa não serve para trabalhar, divertir-se em alguns lugares ou até mesmo é considerada inválida ou incapaz.

Excluir em minha opinião é também deixar de dar oportunidades visto que todos possuem capacidade e devem compartilhar as mesmas com igualdade independente de credo, sexo, etnia ou ser rico ou pobre.

Penso que hoje os Movimentos Sociais são fundamentais, conquistaram o espaço e iniciaram a discussão sobre as dificuldades que a etnia vem sofrendo. Conquistaram a auto-estima e fizeram com que o povo negro colocasse as suas reivindicações e angústias durante todo o processo. Trouxeram contribuições para que a população negra deixasse de ser apenas o que a história dos livros conta a respeito dela: escravizados, acorrentados e empregadinhos.

Quando vejo a novela “Xica da Silva” fico horrorizada vendo que a mulher negra tinha que deixar de amamentar seu próprio filho e servir os filhos das Sinhás. Acho que deveríamos ser indenizados por tudo isso, pelas perdas sofridas ao longo da nossa história, dessa maneira o Brasil abateria um pouco da dívida com o povo negro, pois foi o último país a acabar com a escravidão, uma vez que poderia ou teria condições de optar por não aceitar a escravidão. Mas os brancos não queriam trabalhar. Hoje, felizmente, a maioria libertou-se dessa mediocridade de antes, procura seu próprio espaço, resgatou um pouco de sua dignidade, estuda

mais, assume ser negro e não aceita mais ser humilhado e desrespeitado. Os direitos devem ser iguais para todos. Tanto no lazer quanto no exercício de seu trabalho.

Entrevista número 11

Meu nome é Nanci. Nasci em Herculândia SP. Sou casada, filha de negros. Tenho três filhos e um neto.

Sou de origem humilde, meu pai era lavrador e sempre, ou melhor, até os sete anos vivi no sítio.

Estou indo ao encontro do futuro que são meus filhos e netos.

Sobre amizade, conheço tanta gente que fica difícil falar sobre isso, pois está tudo relacionado com o meu trabalho. Como trabalho também aos finais de semana as amizades nascem por conta dele.

Quanto aos passeios, depois que comecei a fazer parte do Programa Escola da Família ficou complicado essa parte do lazer.

Bailes, nem pensar. Gosto de relaxar durante o único tempo que tenho, com minha família.

Adoro andar na moda. Gosto de roupas sociais, salto alto e tudo que olhando no espelho faz me sentir bem.

Sobre os antepassados, herdei o sobrenome Santos, de meu pai e Pereira de meu marido. O fato de não ter o sobrenome de minha mãe é porque um tempo atrás dava-se mais importância ao casamento na igreja. Vim do sítio e por lá as coisas eram assim. Quando mudamos para a cidade, por causa das leis e outras coisas, meus pais tiveram que casar no civil, mas até então eu já tinha sido registrada.

Sobre a educação escolar, fiz o magistério, a faculdade de Geografia e Técnico em Decoração.

Meus pais, apesar de serem humildes no que se referia aos estudos e pelo fato de a família ser grande, nos educaram com muito respeito e honestidade.

Profissão. Por ser a penúltima filha comecei a trabalhar já com mais ou menos quinze anos. Lembro-me que o meu primeiro emprego foi de babá, onde trabalhava meio período. Depois trabalhei numa fábrica de papel durante cinco anos. Logo em seguida fui chamada para

trabalhar na creche onde fiquei um ano como pajem. Com a mudança de prefeito fui dispensada. Participei do recrutamento para o Jumbo (Supermercado) e trabalhei por oito anos. Saí para cuidar de meu filho. Como já tinha o magistério, lecionei por nove anos em quase todas as escolas de Limeira. Em 1998 prestei quatro concursos da prefeitura e passei em três. Fui chamada como secretária e trabalhei por um ano. Depois fui chamada como Orientadora e logo em seguida houve uma chamada para professora e não aceitei. Hoje sou Coordenadora do Programa Escola da Família.

Gosto muito de trabalhar com a comunidade em geral, adoro o “povão”.

Minha religião é a católica.

A África é um povo sofrido e tem uma cultura linda. Às vezes tenho que passar para o projeto que trabalho.

Acho a escravidão um horror. Às vezes tenho ódio dos brancos, apesar de ser alguma coisa que não tem como mudar. Temos sim que mostrar que somos mais nós e não temos que ficar olhando para traz.

A discriminação existe, mas não me envolvo com isso. Acho que sou mais “eu”.

Concordo que existe a exclusão, mais depende do empenho de cada um para conseguir aquilo que almeja, ou melhor, devemos sempre tentar e acreditar.

Quanto ao Movimento negro, acho que contribuíram em parte e depende muito do tipo de movimento.

Entrevista número 12

Meu nome é Orlando. Nasci na Bahia. Sou filho de pai descendente de espanhol e de mãe descendente de africanos. Todos são trabalhadores rurais. Desde o início trabalharam nas fazendas cuidando de gados em troca de moradia, leite e plantações para sobreviver. Posteriormente, depois de muito trabalhar, eles adquiriram, sua própria terra como herança de minha avó materna. Tenho sete irmãos, e dentre eles um já faleceu, restando seis.

No ano de 1971, viemos todos para Limeira/SP, de início, morar com meus avós, pois após o falecimento de meu pai, minha mãe veio em busca de uma vida melhor.

Hoje, após ter conseguido muito além do que era, recuperamos um pouco de nossa dignidade. Temos muito ainda que conquistar, como por exemplo, trabalhar em prol de outros que têm as mesmas dificuldades que enfrentei, no sentido de melhorar a sua dignidade, como caráter solidário. Dificuldades essas, como morar com oito adultos e crianças no mesmo cômodo. Trabalho desde cedo. Quando era criança, aos cinco anos de idade, fazendo jacazinho, passando muita necessidade, comendo somente arroz e em outros momentos comendo apenas farinha.

Quando entrei pela primeira vez na escola estava com dez anos de idade.

Meu sobrenome é Dias de Argolo. Dias, por parte de mãe, de origem africana. Avó – mulata, filha de pai e mãe negros. Meu avô ganhou muito dinheiro trabalhando nas fazendas de cacau no Sul da Bahia. Mudava sempre com a família e com isso ia acabando com o dinheiro que ganhava.

Argolo, eu recebi de meu pai, de origem espanhola.

Portanto minha mãe é afro e meu pai é espanhol. Meus avós tinham muito recurso e meu avô não conseguiu administrar, ficando tudo por conta de minha avó.

Em termos de cultura, cultivamos a comida apimentada, o forró, vestuários coloridos (hoje um pouco menos). Acreditamos em lobisomem e contamos estórias para as crianças, tais como: mula-sem-cabeça, saci pererê, besta fera, chapeuzinho vermelho e outras.

A educação que recebi foi exemplar. Embora não tivéssemos pai, a mãe fazia as duas partes. Não se casou novamente após o falecimento de meu pai para não interferir na educação dos filhos.

A escola era em primeiro lugar. Eu, por ser mais velho, fiz o papel de pai junto com minha mãe. Os outros obedeciam e respeitar os mais velhos era a primeira regra.

A educação escolar foi o trilho para o sucesso. Nessa época a repetência escolar não era permitida e nós nos esforçávamos para que isso não acontecesse. De todos os irmãos eu, o mais velho, fui o único a seguir nos estudos. Fiz a educação básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio, concluído em 1981). Fiquei doze anos parados por achar que o estudo superior era uma conquista de pessoas que possuíam maiores recursos financeiros e também por achar que os descendentes de negros não poderiam almejar muito.

As profissões foram várias. Comecei entregando pão na rua enquanto cursava a 5ª série. Dormia apenas duas horas e meia por noite na padaria. Muitas vezes o padeiro teve que derrubar a porta para eu poder acordar. Depois passei a fazer serviços internos na padaria. Fiquei doze anos na profissão de confeitiro, fiz o curso de cabeleireiro e fiquei de 1986 até 1998 trabalhando nessa profissão. Em 1993 comecei a universidade, aos 34 anos de idade, no curso de Educação Física. Foi um período de muita luta e grandes dificuldades financeiras. Após dois anos quase desisti por falta de recursos e condições psicológicas. Mas, com a venda de meio terreno continuei os estudos. Hoje, além de professor de educação física fiz ainda duas pós-graduações na área (de 2003 a 2004, Especialização no Esporte Escolar e Didática em vários níveis de Ensino na Unicamp). Fui convidado pela Diretora da E.E. Dom Idílio José Soares para coordenar o Programa Escola da Família e sou também professor eventual nas Escolas Estaduais.

Tenho algumas habilidades: corto cabelos, sou confeitiro (Paes e doces), pratico ações solidárias e pintura a óleo em telas.

Sou católico desde criança e não conheço outra.

Minhas amizades são poucas, porém verdadeiras, pois acredito mais na família.

Os passeios são mínimos e raros, pois trabalho aos finais de semana e quando não estava trabalhando, estudava muito.

Bailes, já frequentei quando era solteiro. Hoje, não mais.

As roupas que uso são as mais simples possíveis. Por conta da profissão uso as esportivas.

Vejo a África como um continente de muita compaixão, um povo tão sofrido com os preconceitos raciais, sendo um povo muito trabalhador e usado pelos brancos.

A escravidão é uma página triste da humanidade que perdura até os dias de hoje e muita gente não sabe que ela existe. Exemplo disso é a maioria das empregadas domésticas que não tem os mesmos direitos trabalhistas. Há ainda o olhar de inferioridade dos brancos sobre os negros. E muitos outros.

A discriminação existe à medida que se fala muito e não se cumpre o que se diz, principalmente as autoridades. Mas o próprio negro às vezes é responsável quando não se mistura com o seu meio, sua comunidade. As crianças doadas geralmente são as brancas e de pele clara. Os negros ficam à espera nas filas de adoção.

A sociedade exclui mantendo uma farsa de que está ajudando, somente pelo fato de não opinar. O capitalismo venera poder e dinheiro. Poucos são os negros com poder aquisitivo que possam se infiltrar nessa sociedade.

Movimento negro. Com o avanço na evolução humana é uma conquista gradativa de direitos iguais e o reconhecimento da origem da humanidade, sua história, seu trabalho, seus costumes, seus ideais.

Conclusão

O objeto da presente pesquisa foi a identidade dos gestores escolares negros da rede escolar pública do Estado de São Paulo, na cidade de Limeira.

Os objetivos perseguidos foram: inventariar a própria auto-imagem dos pesquisados enquanto negros e enquanto gestores escolares, colhendo dados, a partir de suas falas, a respeito de si mesmos e das instituições ou organizações de que fazem parte, constituição de suas famílias, suas trajetórias geográficas, profissionais e educacionais, suas exclusões e inclusões, suas visões de mundo; analisar como esses sujeitos construíram suas identidades pessoais e coletivas, ou seja, suas identidade-eu e identidade-nós.

Dois hipóteses nortearam o trabalho. A primeira hipótese é a de que identidade dos gestores negros é construída a partir da seleção de elementos de um quadro referencial muito variado, incluindo, principalmente a cultura africana, indígena e européia. A segunda hipótese que norteia a pesquisa é a de que a origem negra do gestor escolar é um fator relevante na construção de sua identidade.

A identidade, que é aquilo que somos enquanto singularidade e enquanto coletivo, é fruto de construções históricas, culturais, geográficas. Ela tem relação diretamente com uma dada configuração social. E é essa configuração que fornece os materiais e a liga para a edificação identitária.

A pesquisa mostrou que os gestores escolares negros têm construído a própria identidade a partir dos materiais que a configuração social lhes permite. Mobilizaram-se em busca de lugares e instituições que possibilitassem e possibilitem a eles alterar suas funções dentro da rede de interdependência da qual fazem parte.

Nessa busca, vários elementos foram combinados: a origem familiar principalmente negra e mestiça, entrando nessa composição o branco de matriz européia e o elemento indígena; fragmentos de realizações culturais e formas de ser que têm origem tanto nas tradições africanas, européias e indígenas, quanto no contexto social atual.

A educação escolar foi vista pelos pesquisados como tendo uma importância central pois, por meio dela, conseguiram alcançar funções de reconhecimento social mais elevado que aquelas desempenhadas por seus antepassados, em terras brasileiras.

Quanto à cultura, percebe-se uma combinação de elementos de origem diversa: fragmentos da cultura africana abrangendo a religião, a culinária as vestimentas, a música e a dança; cultura européia; e cultura cristã.

Ainda no tocante à cultura apareceram elementos que aproximam alguns pesquisados do ideário do multiculturalismo na medida em que expressam o desejo de utilizar elementos da cultura africana para formar uma identidade própria, resistindo ao domínio cultural

Concluo que ser professor, ser educador profissional ou professor coordenador têm para os pesquisados significados simbólicos muito específicos. As novas funções ganham importância à medida que a memória se mantém viva; à medida que a história de sofrimento, da escravidão, das privações, das exclusões e re-inclusões degradantes não são esquecidas e servem, não como freio, mas como força mobilizadora, para novas e mais complexas funções dentro da rede de relações.

Mais: as trajetórias dos pesquisados e suas falas mostram que em muitos momentos precisaram coragem, inteligência e muito esforço pessoal para continuarem a perseguir seus objetivos. Decisões foram tomadas. Dificuldades econômicas, preconceitos e humilhações não conseguiram deter a força desses sujeitos em suas lutas por inclusão.

As lutas e trajetórias desses gestores vão além de suas individualidades. Suas falas revelam a rede de interdependência na qual estão inseridos. Referências aos entes familiares (meu pai, minha mãe, minha filha, minha família), aos pares da instituição escolar (meus colegas, professor, professora, diretor, diretora), à instituição religiosa, à sociedade e ao país, aparecem constantemente ao lado das narrativas sobre os feitos pessoais.

Quando esses gestores enfrentam os desafios criados dentro da rede de interdependência na qual estão inseridos; quando se mobilizam para se desenvolverem; e quando querem melhorar suas condições de vida, a sociedade na qual estão integrados também se altera, pois não há separação ente indivíduos e sociedade. As alterações nas condições de vida dos gestores escolares trouxeram alteração nas instituições das quais fazem parte. Indivíduo e sociedade se auto-influenciam.

Termino com Elias. A sociedade é uma dança de salão. A mesma configuração (tipo de dança) é dançada por diferentes pessoas. Mas sem um coletivo de indivíduos interdependentes e reciprocamente orientados não há dança.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Nova Cultural, 1973.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *Norbert Elias: Formação, educação e emoções no processo de civilização*. Vozes, RJ: Petrópolis, 2003.
- CANEN, Ana, Oliveira, Ângela M. A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação*. v.1, nº 21, Set/Out/Nov/Dez.2002. p. 40-51.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo : Paz e Terra, 1999.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 1994a.
- _____. *O processo civilizador (I): uma história dos costumes*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- FORTUNA, Maria L. A. *Gestão escolar e subjetividade*. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*. v.1, nº 21, Set/Out/Nov/Dez.2002. p. 61-74.
- HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mario de Salles, FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FAUSTO, Boris. *A concise history of Brazil*. Translated by Arthur Brakel. New York: Cambridge Press, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1988.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- GUIMARÃES, Valter Soares. *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*. Campinas, SP, Papirus, 2004.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu daSilva e Guaracira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5ª ed. rev. e ampliada. Goiânia: Alternativa, 2004.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SERRA, Carlos. Imputação causal em Moçambique e desafios para a gestão da educação e do ensino. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto, AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Org.) *Gestão da Educação*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 78-87.
- SILVA, Ana Rosa Cloquet da. *Construção da nação e escravidão no pensamento de José Bonifácio: 1783-1823*. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória – Unicamp, 1999.
- SODRÉ, Munis. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. 2ªed. Petrópolis, RJ, 1999.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

PESQUISA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UNESP – RIO CLARO
Pesquisador Responsável: Jose Benedito de Barros

Anexo I - Levantamento Geral de Dados

Meu caro senhor, minha cara senhora.

Estou fazendo um levantamento na rede estadual de ensino para subsidiar minha pesquisa de Mestrado em Educação pela Unesp de Rio Claro sobre a identidade dos gestores escolares negros.

Trata-se de alguns dados preliminares, sobre os quais, garanto o máximo sigilo da fonte.

Desde já deixo claro que o senhor ou a senhora não precisa se sentir pressionado a responder às questões formuladas. Mas solicito sua colaboração, pois isso facilitará em muito meu trabalho.

Desde já agradeço pela atenção.

Jose Benedito de Barros - Pesquisador

1) NOME (FACULTATIVO): _____

2) ESCOLA: _____

3) CARGO/FUNÇÃO:

() Diretor () Vice-Diretor () Professor Coordenador

() Coordenador de Projeto na Escola (Ex. Escola da Família).

Observação: _____

4) Há quanto tempo exerce o cargo/função?

() Até 01 (um) ano () de 01 (um) a 03 (três) anos () de 03 (três) a 06 (cinco) anos () de 06 (seis) a 10 (nove) anos () acima de 10 anos

5) Quanto ao gênero, assinale a alternativa seguinte:

() Masculino () Feminino

6) Quanto à sua origem étnico-racial, assinale uma das alternativas abaixo. Observe que usa-se neste levantamento os critérios do IBGE. Caso não concorde com o mesmo sinta-se à vontade para se auto-declarar segundo critério próprio.

() Preto () Pardo () Branco () Índio () Amarelo () Outro: _____

Observação: _____

7) Quanto à faixa etária, assinale as alternativas abaixo:

() Até 20 anos () de 20 a 25 anos () de 25 a 30 anos () de 30 a 35 anos

() de 35 a 40 anos () de 40 a 45 anos () acima de 45 anos

Outros dados que achar importantes: _____

PESQUISA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UNESP – RIO CLARO
Pesquisador Responsável: Jose Benedito de Barros

Anexo II - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I – VOCÊ POR VOCÊ MESMO(A)

- 1) Quem é você?
- 2) De onde você é?
- 3) De onde você veio?
- 4) Para onde você vai?

II – FAMÍLIA

- 1) Nome/Sobrenome
- 2) Antepassados
- 3) Cultura

III - TRAJETÓRIA PESSOAL

- 1) Educação
- 2) Profissão
- 3) Habilidades
- 4) Religião

IV – VIDA SOCIAL

- 1) Amizades
- 2) Passeios
- 3) Bailes
- 4) Roupas

V – POLÍTICA E RELAÇÕES RACIAIS

- 1) África
- 2) Escravidão
- 3) Discriminação
- 4) Exclusão
- 5) Movimento Negro